

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: março de 2022 – *(on-line)*

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Safras; Conjuntura

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	5
Banana	5
Grãos	9
Arroz	9
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	20
Trigo.....	23
Hortaliças	26
Alho.....	26
Cebola.....	30
Pecuária	33
Avicultura.....	33
Bovinocultura	38
Suinocultura.....	42
Leite	47

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

Nos primeiros meses de 2022, a banana-caturra recupera a qualidade com aumento na demanda e valorização nas cotações. Já a banana-prata que no final de 2021 estava com os preços valorizados agora passa por problemas fitossanitários que afetam a qualidade e reduzem suas cotações reduzindo demanda com a preferência pela banana-caturra no mercado local e brasileiro.

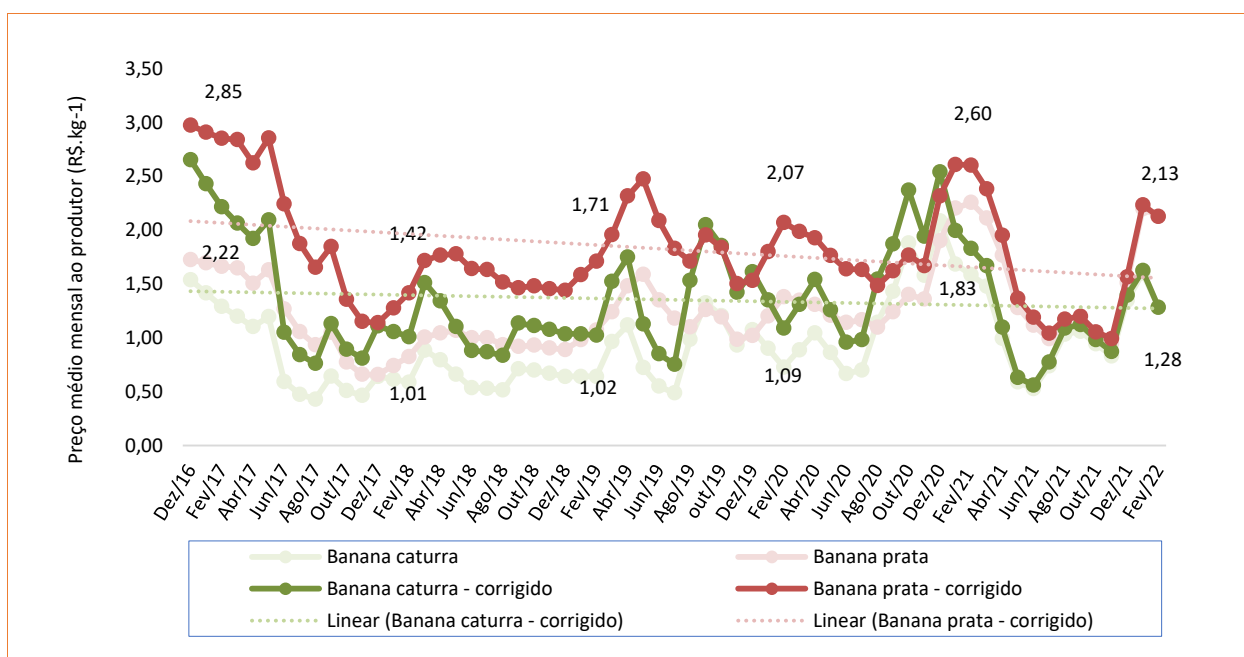


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – fev/22=100).

Entre janeiro e fevereiro de 2022 houve desvalorização de 21% nas cotações da banana-caturra, depois de aumento de 16,4% entre dezembro de 2021 e janeiro deste ano rompendo a tendência anterior de alta. O preço de fevereiro de 2022 está desvalorizado 29,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior; no entanto apresenta valorização de 17,7% na comparação com 2020. A expectativa é de recuperação dos preços nos próximos meses com melhor qualidade das frutas e manutenção na oferta no mercado interno com escoamento nas exportações e demanda da merenda escolar.

Para a banana-prata, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2022 houve desvalorização de 4,7% nas cotações da fruta. O valor mensal de fevereiro de 2022 está desvalorizado 18,2% em relação ao mesmo mês do ano anterior, mas está valorizado 2,7% em relação a 2020 e 24,4% a 2019. Com a intensificação dos tratamentos culturais a qualidade deve melhorar no próximo mês e a demanda aumentar para a variedade.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças

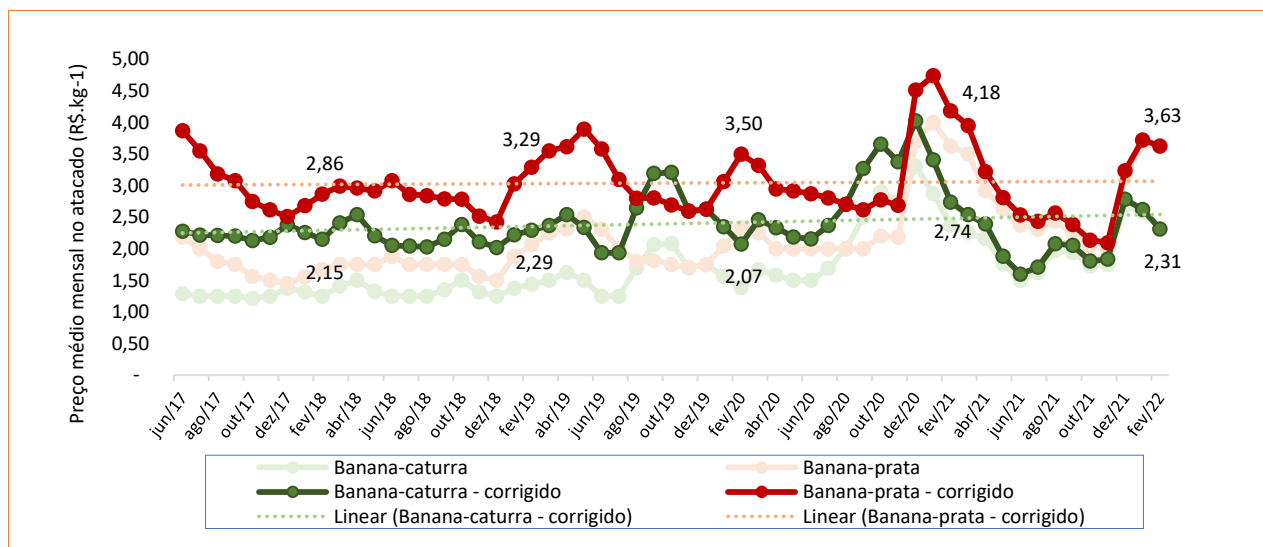
Praça	Mês				Var. (%) Fev./Jan.22
	Dez.21	Jan.22	Fev.22	Mar.22 ⁽¹⁾	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,54	1,40	1,25	1,75	-10,7
Prata	1,58	1,83	2,09	2,25	14,2
Sul Catarinense					
Caturra	1,15	1,60	1,31	1,15	-18,1
Prata	1,45	2,20	2,16	2,10	-1,8

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22kg transformados em R\$.kg⁻¹; ⁽¹⁾até o dia 11 de março.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, mar./2022.

No Norte Catarinense, a banana-caturra que havia desvalorizado suas cotações deve recuperar valor com melhoria na qualidade e aumento na demanda no mês de março. Para banana-caturra, estava atrasando seu desenvolvimento devido ao calor e falta de chuva determinando calibres menores das frutas no cacho, Com a volta das chuvas em quantidade adequada na região e a baixa oferta da fruta, a expectativa é de melhoria na qualidade e valorização nas cotações. A tendência é o aumento na produção com escoamento para o mercado externo e demanda institucionais.

No Sul Catarinense, para a banana-prata, o clima segue favorável à cultura com desenvolvimento nos bananais aumentando a oferta da variedade. Produtores dão sequência à colheita e aos tratos culturais. As condições climáticas foram desfavoráveis à cultura nas primeiras semanas de março. A umidade, baixa luminosidade e excesso de chuvas prejudicaram o desenvolvimento da cultura, a execução dos tratos culturais e as atividades de colheita. O problema na qualidade das frutas deve manter a desvalorização nas cotações.


Figura 2. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC

Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – fev./22=100).

As cotações no mercado atacadista catarinense, que havia recuperado nos últimos dois meses de 2021, entre janeiro e fevereiro de 2022 apresentou desvalorização com o aumento da oferta. Na central de abastecimento estadual a banana-caturra apresentou desvalorização de 11,8% em entre janeiro e fevereiro de 2022, com desvalorização de 15,6% em relação a fevereiro de 2021. A banana-prata apresentou desvalorização de 2,6% entre os dois primeiros meses de 2022, com desvalorização de 13,3% em comparação a fevereiro do ano anterior.

Tabela 2. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg ⁻¹) ⁽¹⁾ nas principais praças					
Praça	Mês				Variação (%) Fev./Jan. 2022
	Dez. 21	Jan. 22	Fev. 22	Mar. ⁽²⁾ 22	
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	1,92	1,32	1,32	1,78	0,8
Prata	3,34	3,46	3,30	2,69	-4,6
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	1,91	1,33	1,39	2,12	4,5
Prata	3,69	3,94	3,71	3,01	-5,8
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	2,02	1,61	1,70	2,20	5,6
Prata	2,62	3,13	3,16	3,20	1,0
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica
Prata	2,41	2,70	2,95	2,47	9,3

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$.kg-1; ⁽²⁾ até o dia 11 de mar./22.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP

Entre janeiro e fevereiro, as cotações nas principais praças brasileiras apresentaram desvalorização para a banana-prata anã mineira e baiana, devido à perda de qualidade com as fortes chuvas no período e reflexo sentido em março pela fruta do Vale do São Francisco. Para a banana-caturra, com preços mais competitivos e melhoria na qualidade das frutas nas últimas semanas de fevereiro garantiu o aumento na demanda pela variedade em todos as regiões brasileiras. A banana-prata do litoral paulista apresenta tendência de valorização com qualidade e preços menores que a prata anã, ganhando mercado no atacado.

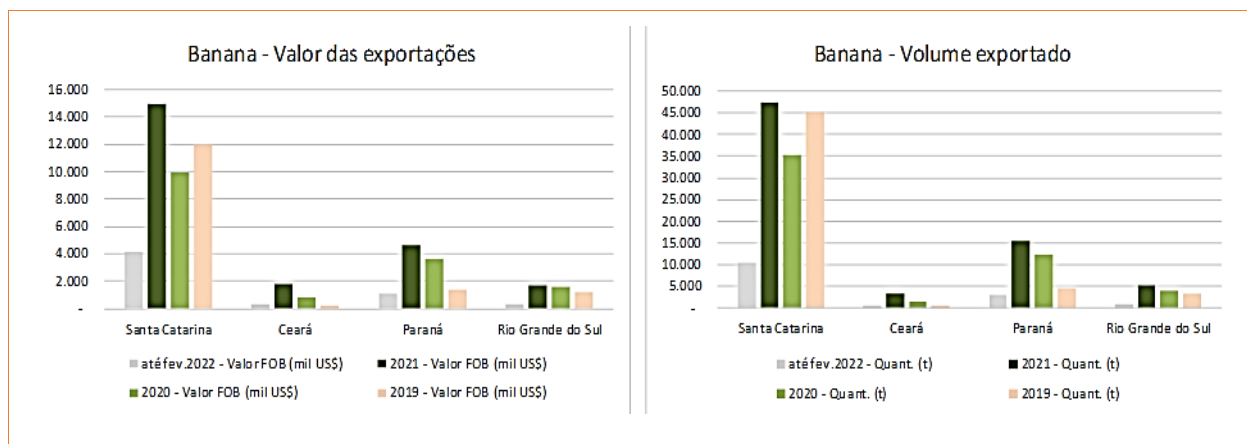


Figura 3. Banana – Valor e volume exportado nos principais estados (2019 a fev./2022)

Fonte: Comexstat/MDIC.

O valor das exportações brasileiras em 2021 foram de US\$ 36,8 milhões com aumento de 42,6% em relação a 2020. Em 2021, Santa Catarina participou com 40,7% do valor das exportações brasileiras de US\$ 14,9 milhões, com mais de 47,4 mil toneladas comercializadas da fruta. No comparativo entre fevereiro de 2021 e 2022 o Estado catarinense aumentou em 169,8% o valor mensal, passando de US\$ 874 mil para US\$ 2,36 milhões. O volume exportado em fevereiro de 2021 chegou a 5,8 mil toneladas, sendo 140% maior que o do mesmo mês no ano anterior.

Tabela 3. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2020/21 e 2021/22

Microrregiões	Estimativa 2020/21			Estimativa 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. Médio
Blumenau	4.425	96.278	21.758	4.676	135.462	28.970	5,67	40,70	33,15
Itajaí	3.587	71.008	19.796	3.790	117.583	31.024	5,66	65,59	56,72
Joinville	12.931	223.256	17.265	12.854	370.062	28.790	-0,60	65,76	66,75
São Bento do Sul	523	9.969	19.061	520	11.735	22.568	-0,57	17,72	18,40
Araranguá	5.332	58.872	11.041	5.315	65.928	12.404	-0,32	11,98	12,34
Criciúma	1.294	20.334	15.714	1.305	23.930	18.337	0,85	17,68	16,69
Tubarão	131	1056	8.061	93	1.112	11.956	-29,01	5,29	48,32
Total	28.223	480.773	17.035	28.553	725.811	25.420	1,17	50,97	49,22

Fonte: Epagri/Cepa (fev./2022).

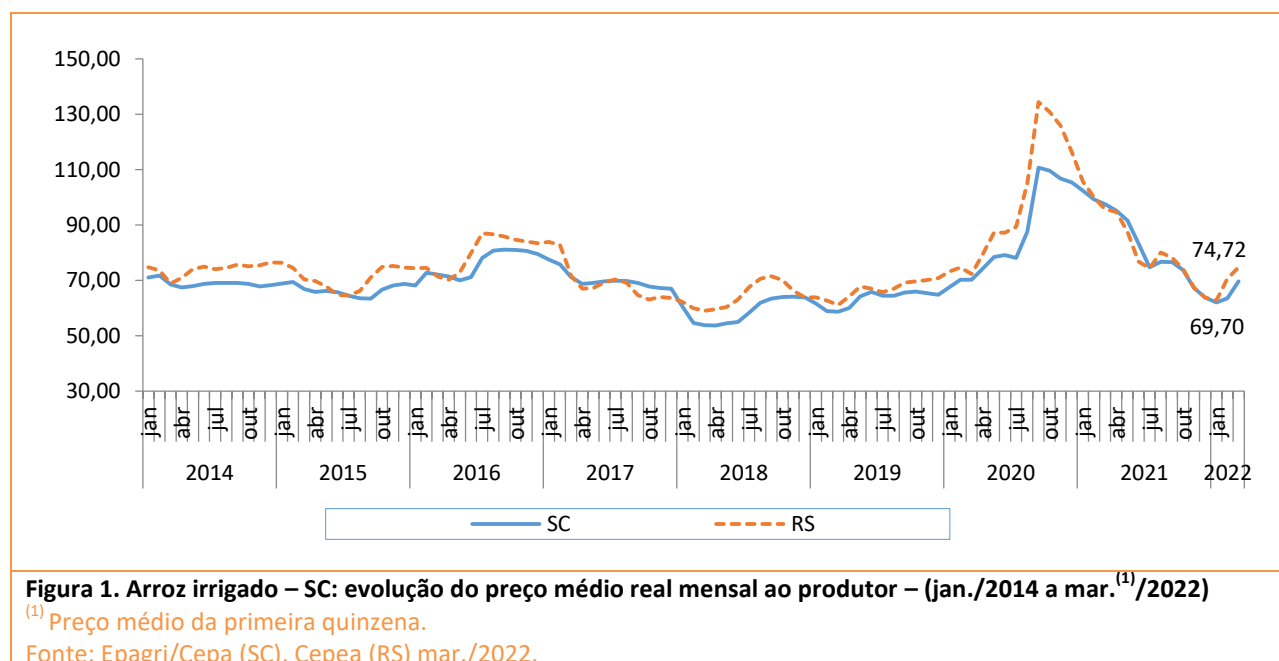
Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz segue se comportando de maneira inesperada, de acordo com o movimento sazonal previsto ao longo do ano. No mês de fevereiro, contrariando a expectativa de comportamento baseada nos anos anteriores à pandemia (Figura 2), os preços apresentaram forte tendência de alta, especialmente no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de fevereiro fecharam em R\$63,51, confirmando um crescimento de 2,44% em relação a janeiro. No Rio Grande do Sul, os preços de fevereiro fecharam em R\$70,62, 12,45% maior do que o fechamento do mês anterior (Figura 1). Esse aumento acentuado dos preços, pode ser explicado pelo aumento das exportações, haja vista que o Brasil está com estoques elevados, bem como pela expectativa de quebra da safra gaúcha em aproximadamente 11%. Santa Catarina, apesar de não ter apresentado aumento significativo das exportações entre janeiro e fevereiro e não ter expectativa de frustração de safra teve seus preços influenciados pelo comportamento do mercado gaúcho. Na Figura 3 é possível observar que os preços da Praça Sul Catarinense, mais próxima do mercado gaúcho, tem apresentado preços médios acima de R\$70,00/saca de 50 kg na primeira quinzena de março e as praças do Litoral Norte e Alto Vale já estão recebendo tais influências.



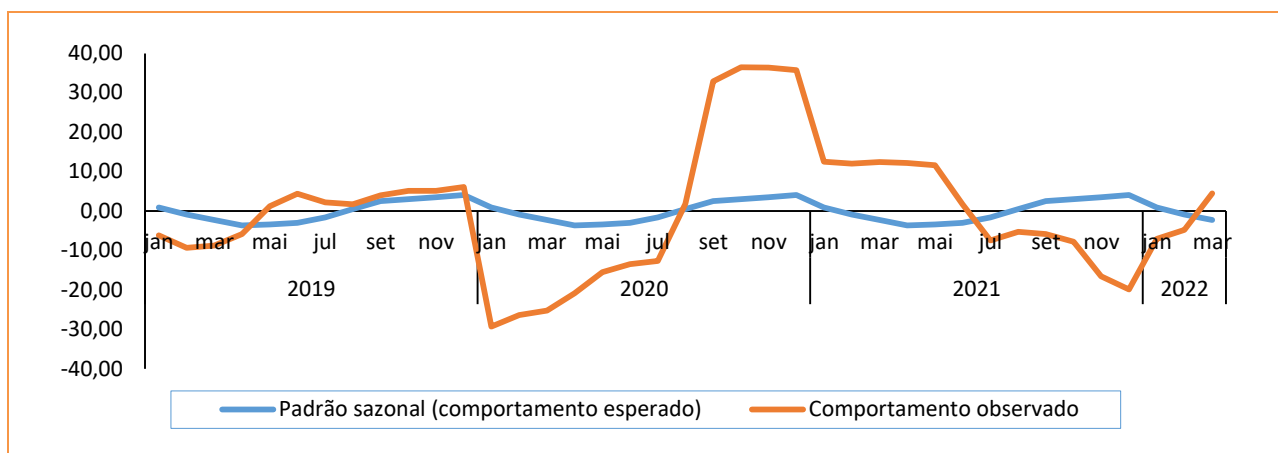


Figura 2. Arroz irrigado – SC: evolução do comportamento esperado e observado dos preços ao produtor – (jan./2019 a mar./2022)

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2022.

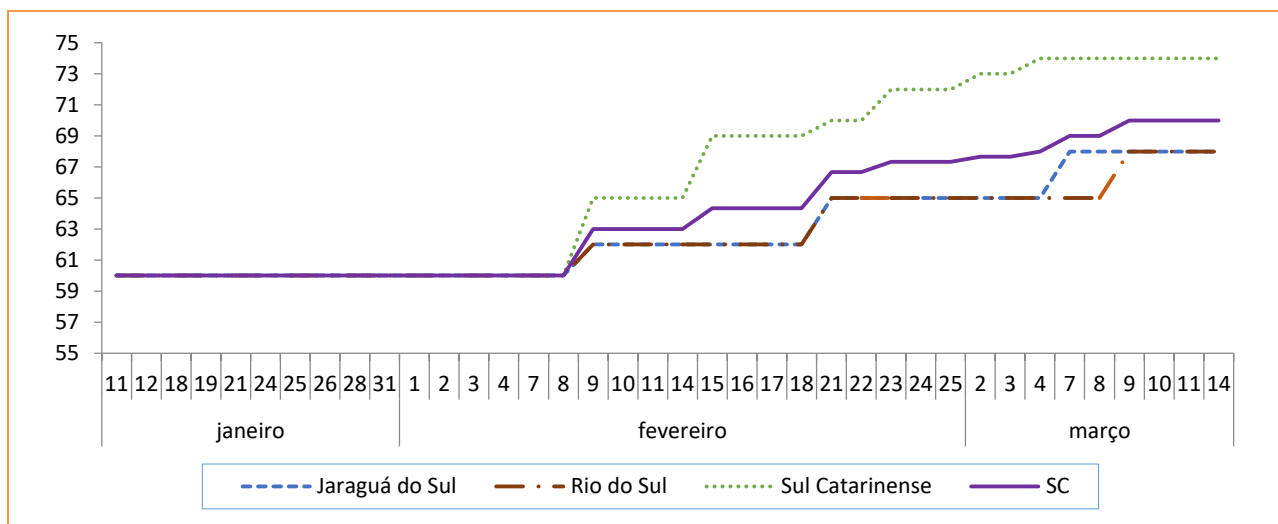


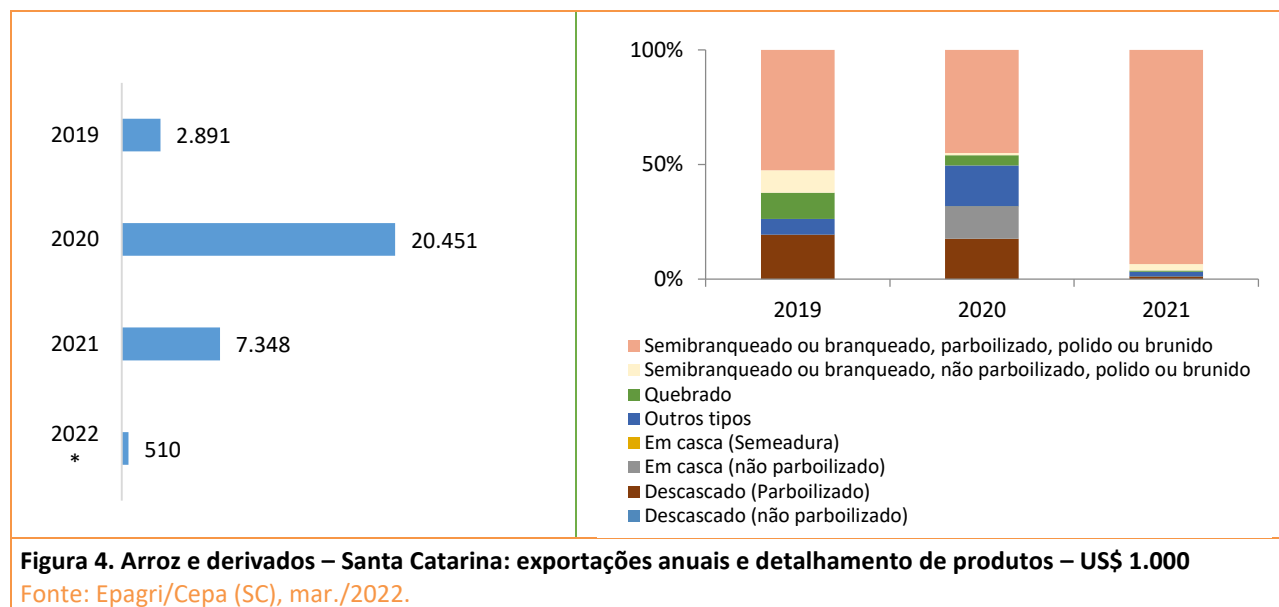
Figura 3. Arroz irrigado – Santa Catarina: preços nominais regionais ao produtor em R\$/sc 50kg – (janeiro a março/2022)

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2022.

Mercado Externo

No que se refere às exportações, observa-se que em 2021, Santa Catarina exportou cerca de 64% menos do que o valor exportado em 2020. Apesar de em 2021 o valor ser inferior ao exportado em 2020, demonstra uma participação maior do que nos anos tidos como normais para o mercado externo catarinense. Destacam-se como principais destinos das exportações em 2021, Trinidad e Tobago (81,14%), África do Sul (7,51%) e Marrocos (2,16%). Do lado das importações, de janeiro a novembro de 2021 o estado importou 58% a menos que o valor de todo o ano de 2020. Países tradicionais como o Uruguai e Paraguai reduziram suas participações nas importações, por problemas nas safras, dando espaço à Guiana, por exemplo, que participou com 15,26% do valor total de 2021. Uruguai destinou 48,21% do valor total importado por Santa Catarina e o Paraguai, 11,65%. Embora o acesso ao mercado externo tenha começado o ano tímido, em fevereiro de 2022, as exportações catarinenses também ganharam força. No acumulado do ano, as exportações catarinenses totalizaram US\$510 milhões, valor quase três vezes maior do que o observado no mesmo período de 2021. Isto porque, o preço médio de exportações está comparativamente mais atrativo do que o preço doméstico o que pode resultar em elevação dos volumes exportados no ano caso a

elevação dos preços internos não seja consistente. Nota-se pela Figura 4, que o estado tem aumentado a diversidade de produtos exportados no contexto do arroz. Até 2018, a composição das exportações desse seguimento era caracterizada por forte participação do grão em casca e nos últimos anos tem ganhado mercado o arroz polido e parboilizado, de maior valor agregado e mais vantajoso para o estado.



Acompanhamento de safra

A colheita da safra catarinense teve início em janeiro, especialmente em regiões onde o plantio ocorre mais cedo. De maneira geral, as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e/ou doenças. A Figura 5, mostra que a maior parte da área semeada está com condição boa de lavoura (97,3%). A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 148 mil hectares e espera-se produtividade de 8,3 toneladas por hectare, resultando em produção de 1,22 milhões de toneladas. Até o momento, cerca de 64% da área semeada foi colhida e do que resta a campo, 85% está em maturação e 15% em floração.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safr 2020/21			Estimativa atual Safr 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.615	95.831	9.028	-0,75	3,78	4,57
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.633	1.221.769	8.276	-0,44	-2,17	-1,74

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mar./2022

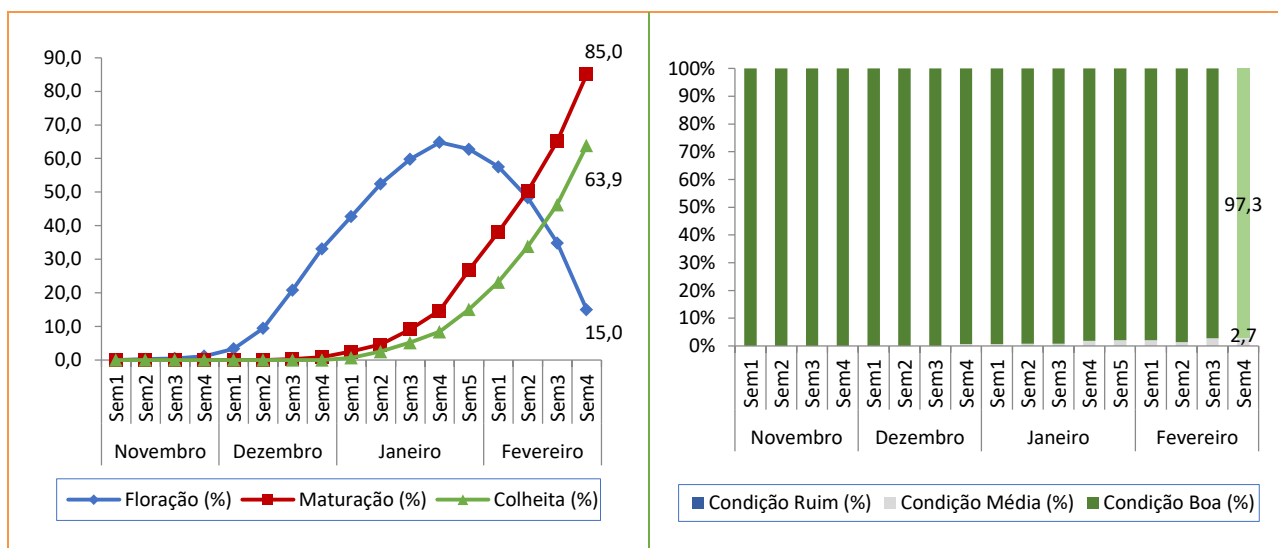


Figura 5. Arroz irrigado – Evolução percentual da floração, maturação e colheita e condição média da lavoura em Santa Catarina

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mar./2022.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca no mês de fevereiro teve alta de 12,61% em relação ao mês anterior, fechando a média mensal em R\$269,80/saca 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram variação positiva de 11,24% no último mês, fechando a média de fevereiro em R\$281,49/saca 60kg. Na primeira quinzena de março, os movimentos de alta nas cotações do feijão seguem firmes em todo estado, o preço médio no estado da saca de 60kg do feijão-carioca está em R\$294,80, e do feijão-preto, está em R\$299,43.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Fev./22	Jan./22	Variação mensal (%)	Fev./21	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	269,80	239,59	12,61	278,02	-2,96
Paraná		275,00	265,87	3,43	275,93	-0,34
Mato Grosso do Sul		296,48	279,92	5,92	285,68	3,78
Bahia		285,26	280,00	1,88	282,50	0,98
São Paulo		304,09	291,93	4,17	297,50	2,22
Goiás		295,28	266,43	10,83	269,40	9,61
Santa Catarina	Feijão-preto	281,49	253,04	11,24	278,84	0,95
Paraná		277,63	274,41	1,17	299,93	-7,44
Rio Grande do Sul		281,84	264,25	6,66	302,90	-6,95

Nota: preços nominais.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), março/2022.

Em termos reais, quando se considera a inflação no período (IGP-DI - base janeiro/22), o preço médio estadual pago ao produtor de feijão-carioca em fevereiro de 2022 está 11% menor do que em fevereiro de 2021. Já para o feijão-preto, essa diferença é ainda maior, em termos reais os preços pagos ao produtor pela saca de 60kg da leguminosa está 15% menor.

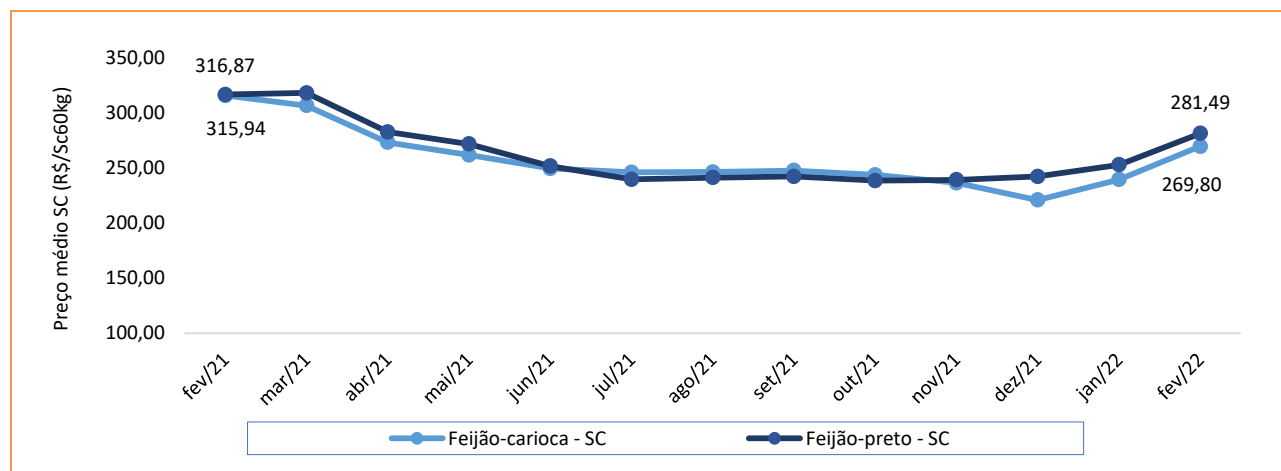


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (fev./2021 a fev./2022)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base jan./2022).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mar./2022.

Safra Catarinense

Feijão 1ª Safra - Em Santa Catarina, até a última semana de fevereiro, cerca de 70% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido colhida. Para as lavouras que estão à campo, com destaque para as MRG's de Curitibaanos, Campos de Lages e Joaçaba, 90% da área plantada encontrava-se na fase de floração e 70% alcançou a fase de maturação.

As estimativas iniciais para a safra 2020/21 de feijão 1ª safra eram muito boas. Em agosto de 2021, os bons preços praticados durante o ano, bem como a necessidade de promover a rotação de culturas nas áreas de lavouras, motivou produtores a aumentar suas áreas de plantio de feijão, contudo a estiagem frustrou as expectativas. Considerando as variações da expectativa de produção entre agosto/2021 e fevereiro/2022, constatamos que as perdas na cultura de feijão 1ª safra poderão chegar a 31,5%, passando de uma estimativa inicial de 68,4 mil toneladas, para atuais 46,8 mil toneladas.

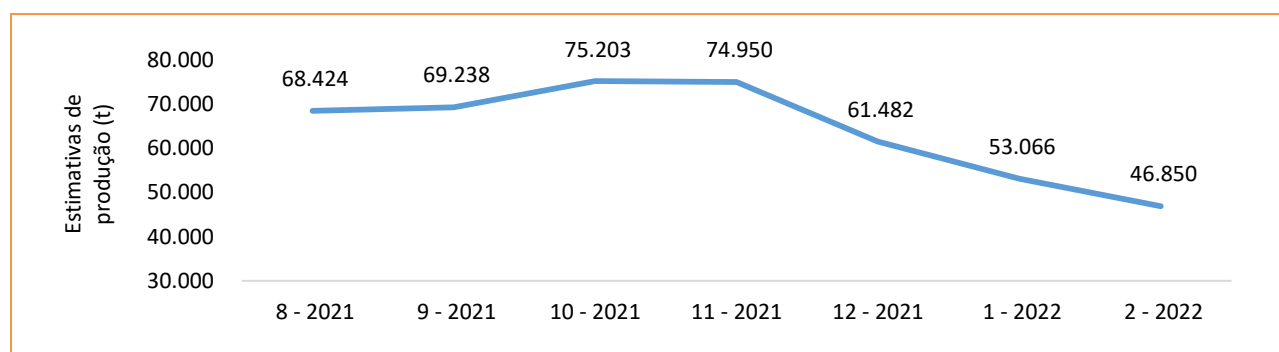


Figura 2. Feijão – Santa Catarina: evolução das estimativas de produção – ago./2021 a fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mar./2022.

Na comparação da safra atual com a safra passada, deveremos ter uma redução de 18% na produtividade média e de 17% na produção. Vale a pena lembrar que a safra anterior (2020/21), foi igualmente atingida por estiagem prolongada, fator climático que naquele ano comprometeu a produção estadual de feijão 1ª.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/2021			Estimativa Safra 2021/2022			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	53	51	962	53	51,656	975	0	1	1
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.980	6.735	965	7	-47	-51
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	9.720	14.644	1.507	30	67	28
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.573	1.928	1.225	-11	-9	2
Concórdia	385	208	540	285	101,02	354	-26	-51	-34
Criciúma	682	793	1.163	667	781,955	1.172	-2	-1	1
Curitibaanos	4.310	10.146	2.354	3.710	5.839	1.574	-14	-42	-33
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.807	4.257	1.517	-3	-17	-14
São Bento do Sul	600	643	1.072	600	950	1.583	0	48	48
São M. do Oeste	775	992	1.280	804	1.228	1.527	4	24	19
Tubarão	767	958	1.249	598	752,332	1.258	-22	-21	1
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.442	6.517	1.467	-9	-39	-34
Outras MRG's	2.054	3.181	1.549	1.436	3.065	2.134	-30	-4	38
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	33.675	46.850	1.391	2	-17	-19

Fonte: Epagri/Cepa (SC), março/2022.

Feijão 2ª safra - A partir de janeiro até o mês de abril, em todo país, tem início o plantio da segunda safra nacional de feijão. Trata-se da safra que oferece os maiores volumes de produção ao mercado nacional, em comparação aos outros períodos (primeira e terceira safras). Para essa segunda safra, segundo a Conab, é esperado o plantio de 1.476,7 mil hectares, considerando os grupos de feijões-comuns cores e preto, além do feijão-caupi.

Em Santa Catarina, a safra de feijão (total) é composta por duas safras. A safra de feijão 1ª, chamada de safra das águas, representa cerca de 60% da produção e a safra de feijão 2ª, também chamada de safra da seca, responde por 40% da produção total estadual. Dois tipos de feijões predominam os cultivos catarinenses: o feijão-preto e o feijão-carioca. Considerando a soma das safras de feijão 1ª e 2ª, o feijão-preto é cultivado em 63% da área plantada estadual, respondendo por 62% da produção; já o feijão-carioca é plantado em 37% da área, e contribui com 38% da produção estadual.

O plantio da segunda safra de feijão catarinense teve início em janeiro, com maior concentração de semeadura partir de fevereiro. Até a última semana de fevereiro, em todo estado, aproximadamente 62% da área destinada ao plantio com feijão 2ª safra já havia sido semeada. Nesta safra, teremos o plantio de feijão 2ª safra na MRG de Curitibaanos, onde serão cultivados cerca de 330 há, distribuídos em três municípios da região.

Nossa estimativa inicial para a segunda safra de feijão, indica que deveremos ter uma redução de 5% na área destinada ao plantio. Contudo, técnicos e produtores avaliam que a produtividade deverá ser superior à obtida na safra passada, na ordem de 31%. Se ao longo da safra essas estimativas se confirmarem, e não houver interferência prejudicial por parte do clima, deveremos chegar ao final da safra com uma produção 24% superior a alcançada na safra passada.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa inicial safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Inicial Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	602	362	601	602	362	601	0	0	0
Canoinhas	3.580	3.065	856	2.480	2.755	1.111	-31	-10	30
Chapecó	2.874	4.263	1.483	3.147	5.580	1.773	9	31	20
Criciúma	1.010	695	689	1.010	695	689	0	0	0
Curitibaanos				330	594	1.800			
Ituporanga	1.070	1.231	1.150	1.070	1.231	1.150	0	0	0
Rio do Sul	468	489	1.044	468	489	1.044	0	0	0
São Bento do Sul	150	110	733	150	160	1.067	0	45	46
São M. do Oeste	1.681	1.679	999	1.327	1.999	1.506	-21	19	51
Tubarão	1.181	770	652	1.181	770	652	0	0	0
Xanxerê	13.665	17.323	1.268	13.145	22.635	1.722	-4	31	36
Santa Catarina	26.281	29.987	1.141	24.910	37.269	1.496	-5	24	31

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mar./2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os principais fundamentos que estão influenciando os preços em 2022 são os de orientação de alta. Nos últimos três meses os preços ultrapassaram a R\$95,00/sc na média mensal e R\$100,00/sc nas cotações diárias em valores nominais (Figuras 1 e 3) influenciados por:

- A redução da primeira safra no sul do Brasil em função da estiagem;
- Os baixos estoques internacionais, principalmente nos EUA e Brasil, os dois maiores exportadores mundiais;
- O conflito entre Rússia e Ucrânia, atores importantes nos produtos trigo e milho, gerou incertezas e volatilidade dos preços no mercado internacional.

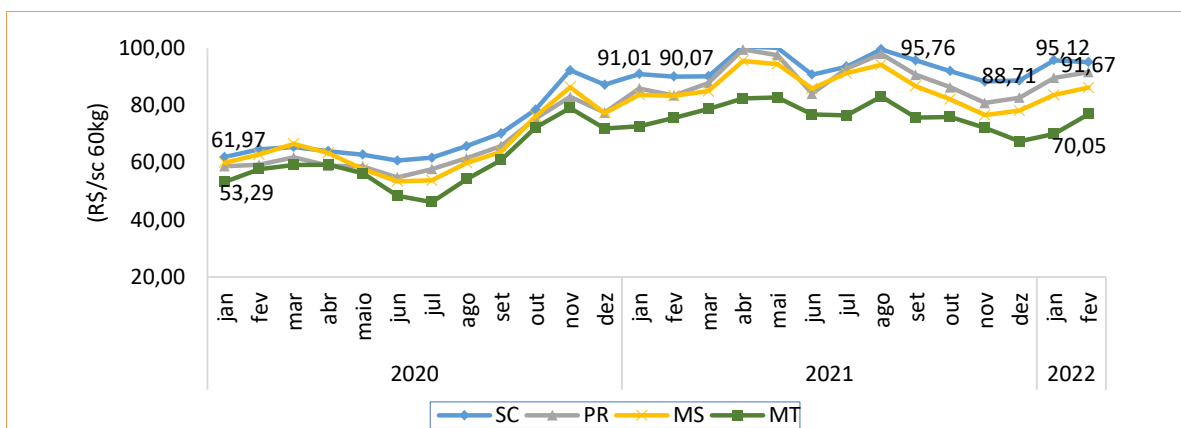


Figura 1. Milho – Santa Catarina: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – de 2020 a fevereiro de 2022 (Valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR e Agrolink.

Variação temporal dos preços

A variação dos preços do milho, tomando como referência fevereiro de 2022, apresenta alta nos três cenários (Figura 2). Destaque para forte elevação dos preços nos últimos 24 meses, tanto em termos nominais, como corrigido pelo IGP-DI. Nos últimos 12 meses a alta foi de 21,8, dos quais 11% foram nos últimos três meses. Em termos da variação nominal em relação ao IGP-DI, reflete a correção da inflação no período.

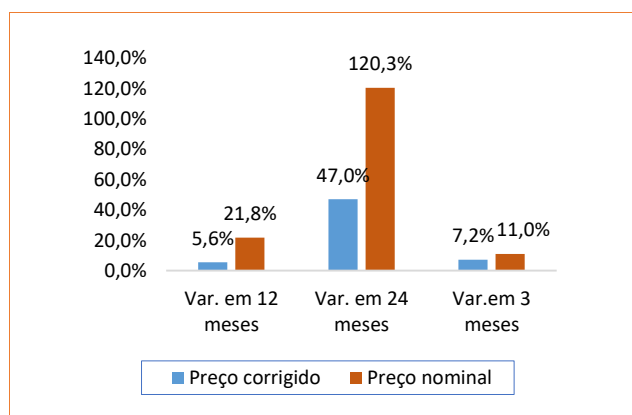
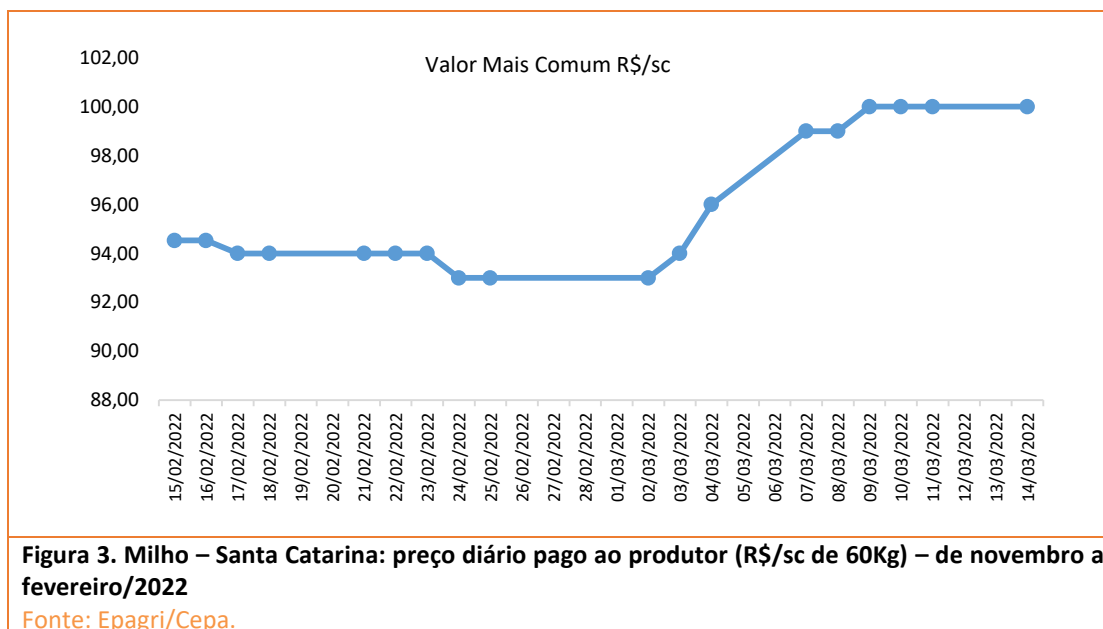


Figura 2. Milho – Santa Catarina: média mensal dos preços pago ao produtor – (R\$/sc de 60Kg), preço nominal e corrigido pelo IGP-DI – variação em três meses, 12 e 24 meses (Ref. fev./2022)

Fonte: Epagri/Cepa.

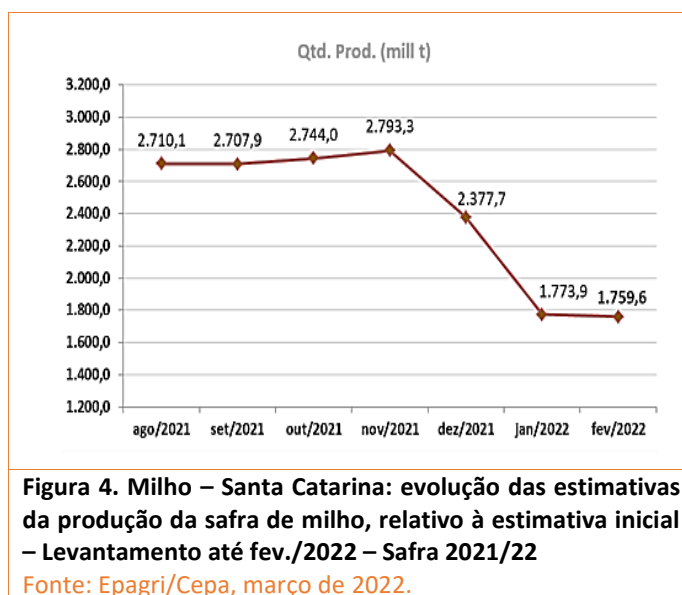
Variação diária dos preços

A estiagem em (dezembro/21 e janeiro/22) na região sul do Brasil e Mato Grosso do Sul provocou a alta do produto, conforme o registro das cotações diárias de preço ao produtor no Estado. Em fevereiro se manteve estabilizado em torno de R\$94,00/sc. Contudo, no início de março, com guerra Rússia x Ucrânia, os preços voltam a subir registrando o patamar de R\$100,00/sc ao produtor antes do dia 15 de março.



Efeito da estiagem no Estado

A estimativa inicial da produção para a safra 2021/2022 foi de 2,7 milhões de toneladas (Figura 4). Observa-se que até novembro a atual safra estava com boa expectativa de produção. O déficit hídrico em dezembro e janeiro/2022 se intensificou em várias regiões. Neste relatório, as perdas equivalem a 35,1% em relação à estimativa inicial, que representa próximo de 1(um) milhão de toneladas menor do que o prognóstico inicial.



Produção nas últimas quatro safras

Desde a safra de 2019/2020, a produção do estado vem diminuindo, embora a área cultivada esteja estável (Tabela 1). Nas últimas duas safras houve estiagens em diferentes períodos que afetaram significativamente a produção total.

Tabela 1. Milho – Evolução da área e produção de milho nas últimas quatro safras – 2018/19-2021/22

Safra	Área plant. (ha)	Qtd.prod. (mil t)
Verão – 2018/19	329.872	2.791,2
Verão – 2019/20	321.256	2.517,1
Verão – 2020/21	320.231	1.810,2
Verão – 2021/22	328.764	1.759,6

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2022.

Safra Estadual 2021/2022

A estiagem afetou a produção na maioria das regiões sendo que as de São Miguel do Oeste, Curitibanos, Joaçaba, Xanxerê e Chapecó apresentaram as maiores estimativas de reduções (Tabela 2). No âmbito estadual, a redução da produção foi de 35,1%, que representa cerca de um milhão de toneladas em relação ao prognóstico inicial.

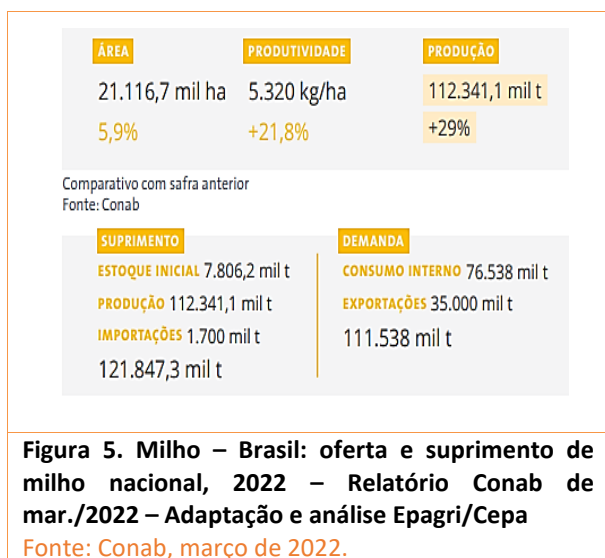
Até a primeira semana de março a colheita estava em 78% da área cultivada no estado.

Tabela 2. Milho – Relatório preliminar de perdas por estiagem (%) estadual, relativo à estimativa inicial – Levantamento até fev./2022 – Safra 2021/22

MRG	Safra 2020/21			Safra 2021/22			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Quant.	Produt.
Araranguá	7.786	6.680	52.009	7.786	7.108	55.346	0,0	6,4	6,4
Blumenau	1.993	4.901	9.767	1.993	4.901	9.767	0,0	0,0	0,0
Campos de Lages	33.820	6.370	215.450	36.120	4.455	160.922	6,8	-30,1	-25,3
Canoinhas	33.850	9.491	321.270	36.200	5.856	211.970	6,9	-38,3	-34,0
Chapecó	39.913	8.664	345.794	39.646	5.365	212.683	-0,7	-38,1	-38,5
Concórdia	21.750	7.567	164.574	21.750	4.837	105.213	0,0	-36,1	-36,1
Criciúma	7.109	6.820	48.481	7.109	7.390	52.539	0,0	8,4	8,4
Curitibanos	26.530	10.485	278.178	26.730	5.568	148.835	0,8	-46,9	-46,5
Ituporanga	10.170	7.732	78.636	10.170	5.850	59.495	0,0	-24,3	-24,3
Joaçaba	62.010	8.230	510.335	63.640	4.846	308.374	2,6	-41,1	-39,6
Joinville	417	5.863	2.445	417	5.863	2.445	0,0	0,0	0,0
Rio do Sul	19.030	7.105	135.216	19.030	5.577	106.121	0,0	-21,5	-21,5
São Bento do Sul	3.800	8.711	33.100	3.800	6.734	25.590	0,0	-22,7	-22,7
São Miguel do Oeste	25.070	8.538	214.044	23.390	4.110	96.131	-6,7	-51,9	-55,1
Tabuleiro	1.800	7.200	12.960	1.800	7.200	12.960	0,0	0,0	0,0
Tubarão	4.753	6.277	29.834	4.753	7.276	34.583	0,0	15,9	15,9
Xanxerê	26.080	9.895	258.055	24.430	6.412	156.641	-6,3	-35,2	-39,3
Total Geral	325.881	8.316	2.710.149	328.764	5.352	1.759.615	0,9	-35,6	-35,1

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2022.

Safra Nacional de milho 2021/22¹



Apesar da quebra da primeira safra de milho, a expectativa é de um aumento da produção para 112,3 milhões de toneladas, 29% superior a safra anterior (Figura 5). A segunda safra, que está a campo, representa mais de 70% da produção nacional. Os estoques iniciais continuam baixos, cerca de 7,8 MT, suficientes para 40 dias do consumo nacional. Considerando a produção da primeira safra de 24 MT, o suprimento é suficiente até maio de 2022, sendo necessárias importações já no primeiro semestre.

Ucrânia e a produção Mundial de milho

A Ucrânia é o 6º maior produtor mundial (Tabela 3) e importante ator no comércio internacional de milho, respondendo por 13,3% das exportações. Santa Catarina, por sua vez, possui um déficit superior a 5 milhões de toneladas por ano, montante que é suprido por meio do comércio interestadual e importações. As dificuldades de exportação do milho ucraniano, em decorrência do conflito, devem contribuir para manter os preços do milho em patamares elevados e dificultar o abastecimento do estado. Essa situação é agravada pela estiagem que afeta a região Sul do país. Por outro lado, para os produtores de milho o aumento dos preços pode estimular as exportações e melhorar sua rentabilidade, o que tende a dificultar ainda mais o abastecimento interno, sobretudo o do setor de produção animal.

Tabela 3. Milho. Panorama mundial – Maiores produtores de milho – safras 2020/21-2021/22 (estimativa)

	2020/2021	2021/2022 ⁽¹⁾
Estados Unidos	360.252	383.943
China	260.670	272.552
Brasil	87.000	115.000
União Europeia	67.092	69.960
Argentina	50.500	54.000
Ucrânia	30.297	37.500
Índia	31.510	30.000
México	27.364	27.600
África do Sul	16.900	17.000
Canadá	13.563	13.984
Paraguai	3.200	4.000
Outros	167.797	181.421
Total mundial	1.122.827	1.206.960

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: USDA, fevereiro de 2022.

¹ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº5 – Quinto levantamento | fevereiro 2022

Soja

Haroldo Tavares Elias
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços da soja no estado em fevereiro apresentaram média de R\$187,50/sc, que representa alta de 7,7% em relação ao mês anterior. Em alguns dias, no início de fevereiro, foram registrados valores acima de R\$190,00/sc e, no início de março acima de R\$200,00/sc no acompanhamento diário dos preços (Figura 2). Neste início de 2022, os preços estão sendo orientados por fatores que apontam para a elevação das cotações. A forte estiagem no sul do Brasil e na Argentina levou a redução das estimativas de produção na América latina, fator que está impactando nas cotações internacionais. No estado é o maior valor nominal da série histórica em termos da média mensal registrado pela Epagri/Cepa. Em contraponto aos fatores de alta, os fundos de investimentos poderão se movimentar, causando volatilidade nas cotações no período.

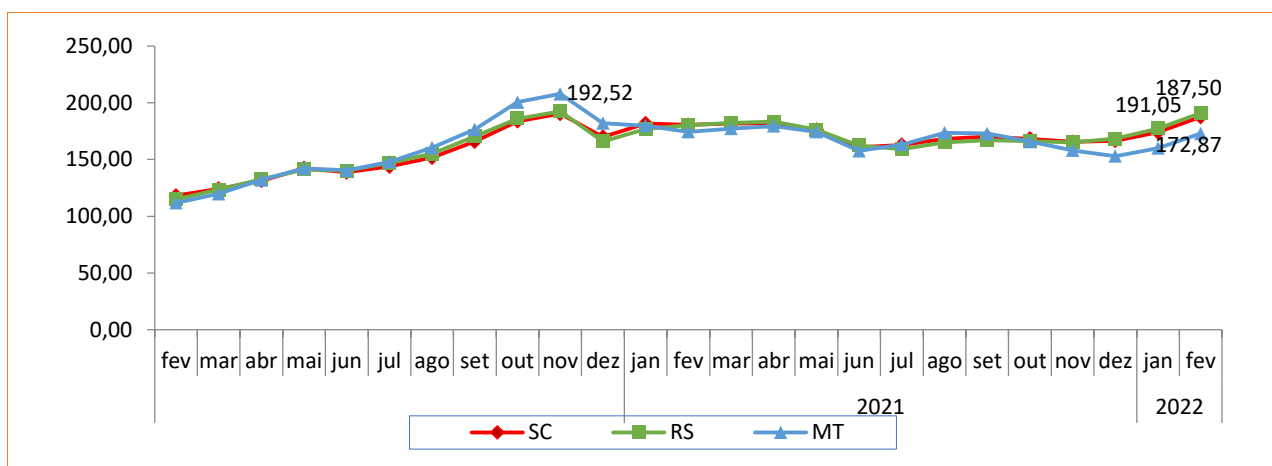


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2020/22 (corrigidos pelo IGP-DI, fev./2022)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Preços diários e tendências do mercado

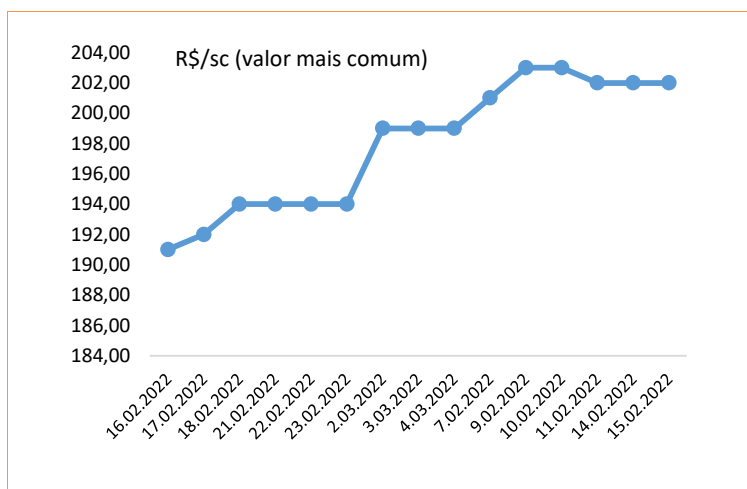


Figura 2. Soja em grão – Preços diários ao produtor levantados pela Epagri/Cepa – Praça Chapecó

Fonte: Epagri /Cepa.

Os preços diários apresentaram em fevereiro (dia 16) e março (15) uma elevação superior a 6% (Figura 2). As altas de preços observadas para a soja e seus derivados ganharam um fator adicional, a guerra entre Rússia e Ucrânia. A expectativa é de maior demanda internacional enquanto a oferta é baixa. Além da menor produção em outros países, como Argentina e Paraguai, a produção brasileira de soja apresentou redução na safra 2021/22. A combinação desses fatores levou as cotações a patamares recordes e a expectativa é que deve mantê-las.

Evolução das estimativas iniciais da produção estadual

O prognóstico inicial da Epagri-Cepa para produção de soja foi de 2,55 milhões de toneladas (Ago-21). A expectativa da safra foi crescente até novembro em função das condições climáticas favoráveis até então. No entanto, a estiagem em dezembro e janeiro impactou nas estimativas realizadas. A atualização da estimativa em fevereiro de 2022 foi de 1,97 milhões de toneladas, um recuo de 23% em relação à produção inicialmente estimada.

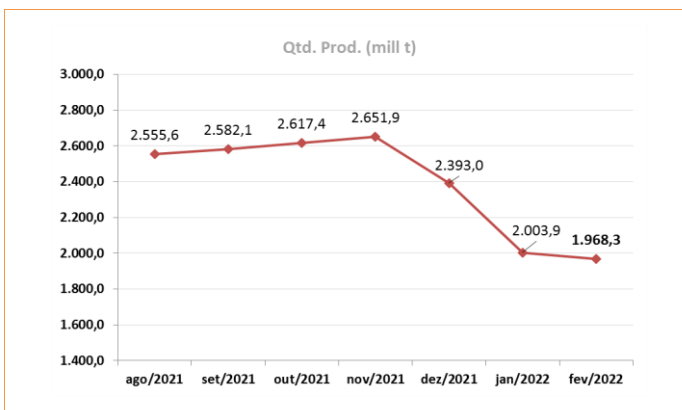


Figura 3. Soja – Santa Catarina: estimativas da produção mensal – safra 2021/22

Fonte: Epagri /Cepa. Sistema de Acompanhamento de safra.

Acompanhamento da safra 2021/2022

A baixa precipitação pluviométrica registrada desde dezembro de 2021 no Estado e na região sul do Brasil tem provocado perdas significativas na produtividade da cultura. Os prejuízos são diferenciados entre as regiões em função do calendário de plantio. As microrregiões que tiveram maiores perdas foram: São Miguel do Oeste, Ituporanga, Concórdia e Curitibanos. A soja de ciclo precoce foi mais afetada, em função do período crítico da estiagem ocorrer na fase de floração. As altas temperaturas ocorridas potencializaram os danos. No final de fevereiro houve uma atualização da estimativa da produção para 1,97 milhões de toneladas, uma retração de 23%.

Até a primeira semana de março a colheita estava em cerca de 28% da área cultivada.

Tabela 1. Soja – Santa Catarina: estimativas da produção mensal na safra por microrregião – 2021/22

MRG	Safra 2021/22 (est. inicial)			Safra 2021/22 (est. atual)			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Produt.	Quant.
Araranguá	740	3.393	2.511	740	3.296	2.439	0,0	-2,8	-2,8
Campos de Lages	67.930	3.367	228.704	74.290	2.738	203.415	9,4	-18,7	-11,1
Canoinhas	146.200	3.770	551.156	149.800	3.299	494.190	2,5	-12,5	-10,3
Chapecó	85.490	3.394	290.121	87.710	2.523	221.304	2,6	-25,7	-23,7
Concórdia	7.415	3.809	28.241	7.415	2.840	21.058	0,0	-25,4	-25,4
Criciúma	4.440	3.492	15.505	4.440	3.378	14.997	0,0	-3,3	-3,3
Curitibanos	113.495	4.150	470.988	116.695	3.000	350.060	2,8	-27,7	-25,7
Ituporanga	8.780	3.672	32.244	8.780	2.571	22.571	0,0	-30,0	-30,0
Joaçaba	56.132	3.748	210.364	56.982	2.731	155.620	1,5	-27,1	-26,0
Rio do Sul	5.970	3.470	20.718	5.970	2.577	15.384	0,0	-25,7	-25,7
São Bento do Sul	12.400	3.418	42.380	12.400	2.973	36.860	0,0	-13,0	-13,0
São M. do Oeste	37.248	3.804	141.693	38.710	1.721	66.619	3,9	-54,8	-53,0
Tubarão	1.450	3.358	4.870	1.450	3.290	4.771	0,0	-2,0	-2,0
Xanxerê	135.643	3.805	516.072	142.243	2.524	358.974	4,9	-33,7	-30,4
Total geral	683.333	3.740	2.555.566	707.625	2.782	1.968.261	3,6	-25,6	-23,0

Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento de safra – fev./2022.

Safra Nacional²



Figura 4. Soja – Santa Catarina: estimativas da produção mensal – safra 2021/22

Fonte: Conab, relatório mar./2022.

A atual safra brasileira de soja deverá apresentar um crescimento na área plantada de 3,8% em comparação à safra anterior, atingindo 40,7 milhões de hectares. Em relação à produção, a Conab vem diminuindo a estimativa inicial que passou de 140,49 milhões de toneladas em janeiro para 125,47 em fevereiro e 122,8 em março (Figura 4). A redução das estimativas da produção está associada aos problemas climáticos no sul do Brasil e a forte estiagem.

Safra e Mercado Mundial

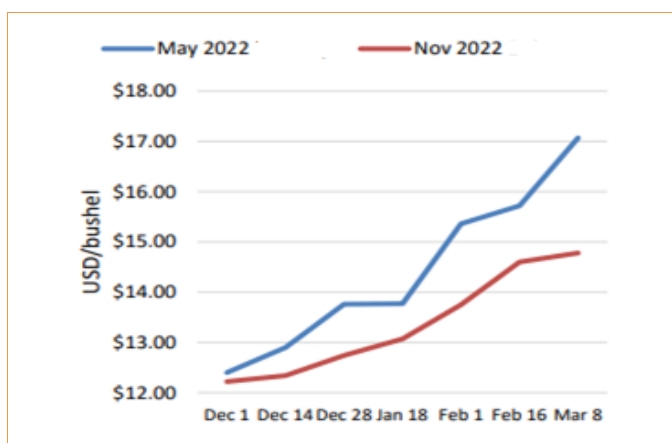


Figura 5. Soja – Santa Catarina: estimativas da produção mensal na safra 2021/2022

Fonte: USDA, Relatório março³, 2022.

Com a queda na produção de soja na América do Sul e a incerteza quanto às perspectivas de exportação de produtos de girassol da região do Mar Negro, os preços da soja tiveram forte elevação nos últimos meses. O contrato de maio na Bolsa de Chicago (Chicago Board of Trade - CBOT) subiu 38% desde o início de dezembro, representando elevação de US\$ 4,70/bushel, para US\$ 17,07 em 8 de março. O contrato de novembro para a nova safra soja subiu em um ritmo mais modesto (21%), acrescentando quase US\$ 2,60/bushel ao contrato preço desde o início de dezembro. Isso levou a um prêmio cada vez maior para a soja de safras antigas versus novas safras nos Estados Unidos. Prêmios que estavam

perto de 2% em novembro de 2021, estão 15% superior no início de março 2022.

² conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº6 – Sexto levantamento | março 2022.

³ Foreign Agricultural Service/USDA. March, 2022 Global Market Analysis

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de fevereiro de 2022, as cotações de trigo tiveram pequeno movimento de alta de 0,55% no mercado catarinense, fechando o mês em R\$ 89,54/saca 60 kg. Na comparação anual, observamos que em termos nominais, os preços praticados em fevereiro de 2022 estão 18,30% acima daqueles registrados em fevereiro de 2021.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Fev./22	Jan./22	Varição mensal (%)	Fev./21	Varição anual (%)
Santa Catarina	89,54	89,05	0,55	75,69	18,30
Paraná	89,18	89,13	0,06	75,85	17,57
Mato Grosso do Sul	88,00	88,00	0,00	73,18	20,25
Goiás	103,58	103,5	0,08	89,10	16,25
Rio Grande do Sul	86,12	84,6	1,80	73,19	17,67

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), março/2022.

Com relação ao balanço de oferta e demanda, houve um considerável aumento das exportações, que passou de 1.900 toneladas em fevereiro, para 2.100 toneladas em março. Para suprir a demanda interna da safra atual foi modificado também o quantitativo estimado de importações, que passou de 6.800 toneladas para 7.000 toneladas. A partir dessas modificações, estima-se que a safra 2021/22 encerre com estoque de passagem de 176,5 mil toneladas.

Tabela 2. Trigo Grão – Brasil: quadro de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2018	2.037	5.428	6.753	14.218	12.436	583	1.199
2019	1.199	5.155	6.677	13.030	12.461	342	227
2020	627	6.235	6.007	12.869	11.899	823	147
2021 ⁽¹⁾	147	7.679	7.000	14.626	12.550	2.100	177

⁽¹⁾ Estimativa, mar./2022.

Fonte: Conab, março/2022.

A perspectiva global da safra 2021/22, deste mês de março, é de maior produção, diminuição do comércio e consumo e estoques finais maiores. A produção global é aumentada principalmente pela Austrália, que elevou sua expectativa de produção em 2,3 milhões de toneladas para um recorde de 36,3 milhões. As exportações mundiais são reduzidas em 3,6 milhões de toneladas para 203,1 milhões, uma vez que a diminuição para Ucrânia e Rússia são apenas parcialmente compensada por aumentos na Austrália e na Índia.

Ainda no mês de março, as exportações da Ucrânia foram reduzidas em 4,0 milhões de toneladas, passando de 24,0 para 20,0 milhões, uma vez que o conflito naquele país deverá dificultar as exportações da região do Mar Negro. As exportações da Rússia foram reduzidas em 3,0 milhões de toneladas, passando de 35,0 para 32,0 milhões, uma vez que o transporte de navios deverá ser limitado pelo conflito e pela imposição de sanções econômicas.

Compensam parcialmente essas reduções, os aumentos das exportações australianas e indianas de 2021/22, que no mês de março tiveram um aumento de 2,0 e 1,5 milhão de toneladas, respectivamente, passando de 25,5 para 27,5 e de 7,0 para 8,5 milhões. Espera-se que o aumento da produção e os preços competitivos impulsionem as exportações na Austrália para um nível recorde. Espera-se também que o ritmo robusto de exportação da Índia continue por causa de seus amplos estoques e preços globais crescentes.

Quanto às importações, estas reduziram para muitos países, incluindo Turquia, Egito, UE, Afeganistão, Argélia, Quênia, Paquistão, Tanzânia e Iêmen com base na disponibilidade reduzida de exportação de trigo do Mar Negro e preços mundiais mais altos. Para a safra 2021/22, a previsão do USDA é de consumo global reduzido em 0,8 milhão de toneladas, passando de 788,1 para 787,3 milhões. Os estoques finais globais deverão aumentar 3,3 milhões de toneladas, passando de 278,21 para 281,5 milhões. Os estoques aumentados na Rússia e na Ucrânia são apenas parcialmente compensados por declínios na Turquia, Índia, e a UE.

Safra Catarinense

Neste mês de março, estamos dando números finais à safra 2021/22 de trigo no estado. Em todo estado foram cultivados 102,8 mil hectares de trigo, com um incremento de 76% em relação à safra passada. A produtividade média das lavouras alcançou 3.383 kg/ha, que corresponde a um aumento de 15%. O resultado foi uma safra 102% maior em produção, passando de 172 para 348 mil toneladas.

Nos últimos anos, a área destinada ao plantio de trigo no estado tinha tomado uma trajetória decrescente, contudo, a partir de 2020, se observa uma inversão dessa tendência. O bom momento por que passa a produção nacional de grãos, sobretudo para produtos de exportação, tem motivado produtores e cooperativas a investir na atividade de cereais de inverno, com destaque para o trigo.

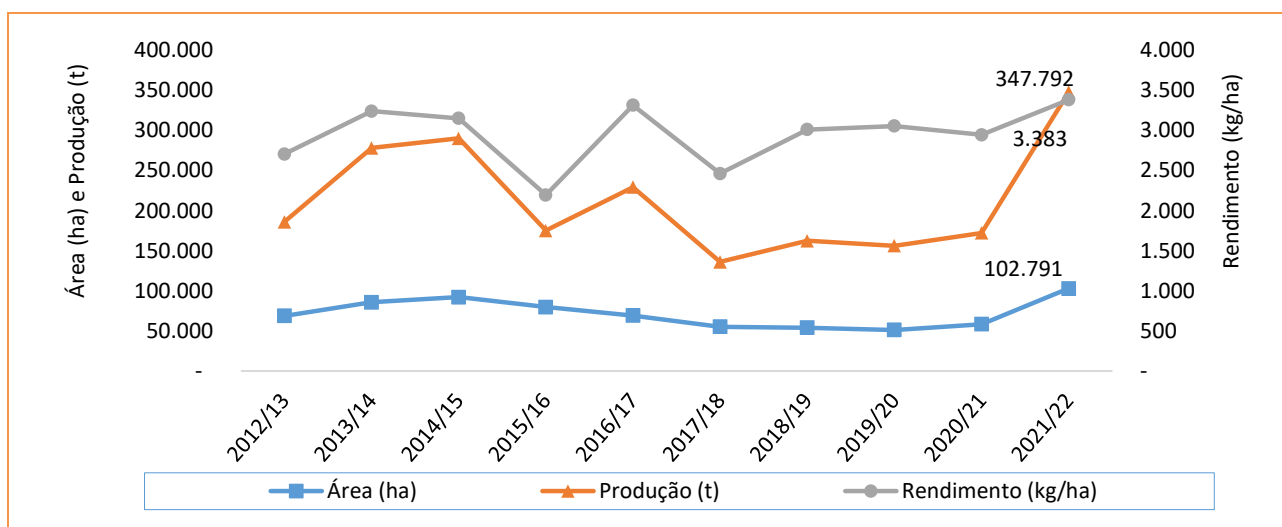


Figura 1. Trigo – Santa Catarina: evolução área plantada, produção e rendimento – safra 2012/13-2021/22

Fonte: Epagri/Cepa, março/2022.

Para a próxima safra catarinense de trigo, com início de implantação a partir de maio de 2022, alguns fatores podem nos auxiliar a fundamentar a expectativa de aumento na área de plantio de trigo para a safra 2022/23. Um fator importante é a manutenção do dólar em patamares elevados, fator que inibe a aquisição de trigo importado e favorece o mercado interno. Um outro fator é de ordem agrônômica, o plantio de trigo otimiza utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra,

além de promover melhorias nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão (formação de palhada), assim como promove uma maior intensificação na utilização das áreas de cultivo (inverno e verão).

Vale a pena destacar que o produtor deve ter domínio de todos os fatores de produção para que possa fazer um eficiente planejamento de sua produção. O conflito militar entre a Rússia e Ucrânia gerou um cenário de incertezas com a possibilidade de escassez de fertilizantes, não apenas para essa safra de inverno, mas também os cultivos do próximo verão.

As culturas de inverno, com destaque para o trigo, é uma excepcional oportunidade para intensificar os cultivos nas propriedades rurais. Santa Catarina possui terras agrícolas ociosas durante o inverno. Na última safra os cultivos de grãos no verão ocuparam cerca de 1,4 milhões de hectares, enquanto que os grãos de inverno, apenas 143 mil hectares, ou seja, apenas 10% da área cultivada com grãos no estado são utilizadas nos cultivos com grãos de inverno. Isso mostra uma grande oportunidade para que os produtores aproveitem os cultivos de inverno para gerar renda nas propriedades rurais.

Além disso, estão disponíveis no mercado, variedades de triticale com excelente aptidão para a produção de silagem, além de variedade de trigo com aptidão para pré-secado e com duplo propósito. As cultivares de trigo duplo-propósito servem tanto para a produção de grãos, quanto para o pastejo dos animais. Trigos com esse perfil tem ciclo vegetativo mais longo e podem ser semeados mais cedo, garantindo a cobertura do solo durante todo o inverno. A massa verde é aproveitada para alimentar os animais em piquetes, permitindo cerca de três pastejos antes do rebrote do trigo para colheita de grãos ao final da safra.

A escassez de forragens no período outono/inverno, chamado de “vazio outonal”, afeta a produção de carne e leite em Santa Catarina. Estratégias que aumentem a produção de forragem nesse período, reduzindo a dependência da silagem de milho, resultam no aumento de renda para o agricultor e otimização dos recursos envolvidos na produção. Além disso, o produtor pode destinar sua área de produção de milho para silagem, para a produção de milho grãos, já que poderá contar com os cereais de inverno para suplementar a alimentação animal.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Permanecem positivas as expectativas para a cultura de alho no país, apesar das incógnitas que o agro deve enfrentar na próxima safra, principalmente em relação aos fertilizantes. Nesse sentido é fato presente na cadeia produtiva a avaliação de que o país deve passar de importador para autossuficiente na produção de alho nos próximos anos.

Esse avanço está sendo alcançado pela expansão da área plantada com a cultura e expressivos ganhos de produtividade em todas as regiões produtoras. Embora ainda não haja dados oficiais até o momento, de acordo com as associações estaduais de produtores de alho e da Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), o ano de 2021 fechou com aumento de aproximadamente 30% na área plantada em relação a 2020, passando, desta forma, para 16 mil hectares no país. Os estados que puxaram esse avanço foram, principalmente Minas Gerais e Goiás, tanto na ampliação da área plantada quanto no aumento da produtividade. Outro aspecto importante que está caracterizando a produção de alho no Brasil é a alta qualidade dos alhos produzidos, que gradativamente se consolida na preferência dos consumidores.

Por outro lado, a produção de alho em Santa Catarina pelas suas características, especificidades e desafios no mercado, está a exigir ações articuladas entre o poder público e a cadeia produtiva, de modo a implementar políticas e ações de apoio à produção, organização dos produtores, pesquisa e assistência técnica visando o fortalecimento da cadeia e a viabilidade econômica dos produtores. Essas ações são necessárias pois, diferentemente das regiões do centro do país, a cultura do alho no estado é produzida em pequenas propriedades por agricultores familiares. Segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos com produção comercial de alho, cuja área média é pouco mais de 0,5 hectares, num estado que, não raramente é afetado por problemas climáticos dos mais diversos.

Desta forma, esforços no curto prazo são absolutamente necessários, visto que o aumento da produção em grande escala que ocorre nos estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás pode reduzir drasticamente a participação relativa da produção catarinense de alho no âmbito nacional e afetar o desempenho e a continuidade da produção da cultura no estado.

Preço

A safra catarinense de alho se encontra na fase de comercialização desde o final de dezembro com perspectivas de se estender até os meses de maio/junho.

Em termos de preço ao produtor, de acordo com o sistema de acompanhamento de preços da Epagri/Cepa, no mês de fevereiro os produtores catarinenses receberam R\$4,50/kg para as classes 2 e 3, R\$7,95/kg para as classes 4 e 5 e, R\$12,00/kg para as classes 6 e 7.

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira quinzena de fevereiro a R\$14,28/kg, aumento de 7,85% em relação ao início do mês de janeiro. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$14,97/kg para R\$16,75/Kg, aumento de 8,94%. No início da segunda quinzena de fevereiro, houve novos aumentos nos preços, porém não se sustentando e, dessa forma, fechando o mês com preços de R\$14,42/kg, R\$16,25/kg e R\$18,92/kg para os alhos classes 5, 6 e 7, respectivamente.

No mês de fevereiro o alho argentino permaneceu com preços praticamente estáveis aos praticados no mês de janeiro, fechando o mês a R\$12,18/kg, R\$13,50/kg e R\$14,50/kg para os alhos classes 5, 6 e 7 respectivamente.

O mês de março iniciou com os preços de atacado com aumentos em relação aos preços praticados no final de fevereiro. O alho roxo nacional classe 5 foi comercializado no final da primeira semana do mês a R\$15,54/kg, aumento de 7,77%, o alho classe 6 passou a R\$17,10/kg significando aumento de 5,23% e o alho classe 7 foi comercializado a R\$19,08/kg, aumento de 0,84%.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5 apresentaram preços com pouca oscilação no mês de fevereiro, sendo comercializados a R\$14,00/kg até o final da primeira quinzena e fechando o mês a R\$15,00/kg, aumento de 7,14%. Seguindo a mesma lógica, o alho classes 6 e 7, se manteve a R\$15,50/kg na primeira quinzena e fechando o mês a R\$16,50, aumento de 6,45%. O alho importado, classes 4 e 5, permaneceu com preço estável e foi comercializado a R\$14,00/kg.

Produção

A colheita da safra catarinense 21/22 já foi concluída e a comercialização segue em ritmo normal para o período. O volume comercializado até o momento é estimado em 35% do total produzido no estado.

Com o fechamento do ciclo da cultura, a Epagri/Cepa fez o fechamento dos dados da presente safra, cujos números finais são de uma produção de 19.129,5 toneladas produzidas em 1.810ha. A produtividade média ficou em 10.568 kg/ha, aumento de 22,13% em relação à safra 20/21, cuja produtividade foi de 8.653 kg/ha em função dos efeitos da estiagem que afetou aquela safra.

Comércio exterior

Em fevereiro de 2022 foram importadas apenas 13,89 mil toneladas de alho, embora o crescimento de 50,98% em relação a janeiro, o volume internalizado é o menor para o mês desde 2018. Nesse sentido, permanece a tendência que se caracterizou já em 2021, de redução da entrada de alho importado no país. Como pode ser visto na Tabela 1, em 2021 o Brasil importou o menor volume, fechando o ano com a importação de 125,70 mil toneladas. Este volume é o menor dos últimos quinze anos. Em relação a 2020, a redução foi de 35,04%, o que também favoreceu a produção nacional da hortaliça. Nos dois primeiros meses de 2022, a redução na importação foi de 14,07% (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de janeiro/2018 a fevereiro/2022 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,70
2022	9,2	13,89	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23,09

Fonte: Comexstat/ME: março/2022.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado, em fevereiro verificou-se redução de preço em relação ao mês de janeiro, passando de US\$1,36/kg, para US\$1,29/kg, ou seja, redução de 5,43%, conforme exposto na figura 1.

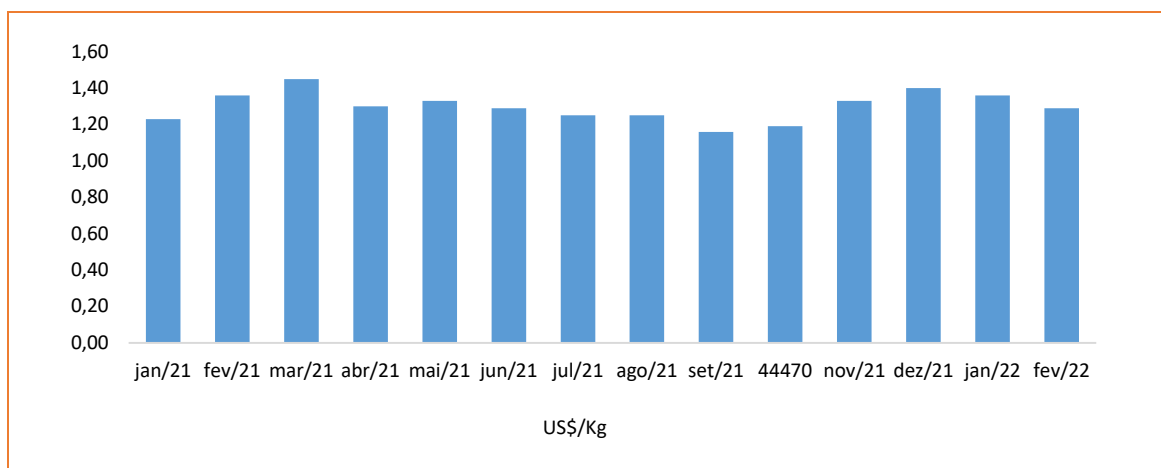


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2021 a fev./2022 (US\$/kg)
Fonte: ComexStat/ME: mar./2022.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2021 a fevereiro de 2022. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de fevereiro/22 foi de US\$17,94 milhões (FOB), aumento de 43,17% em relação a janeiro. O volume importado foi de 13,89 mil toneladas, aumento de 50,65% em relação ao mês de janeiro.

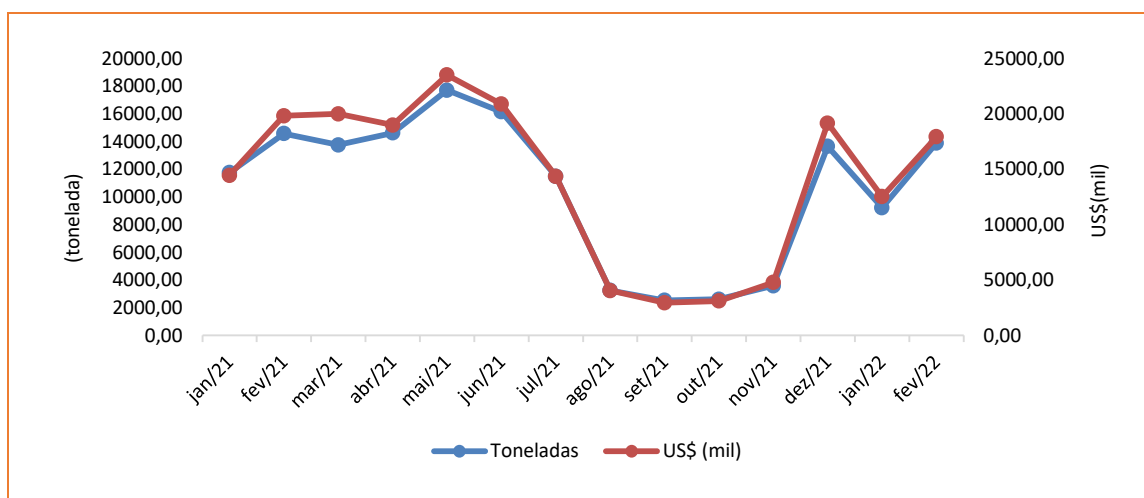
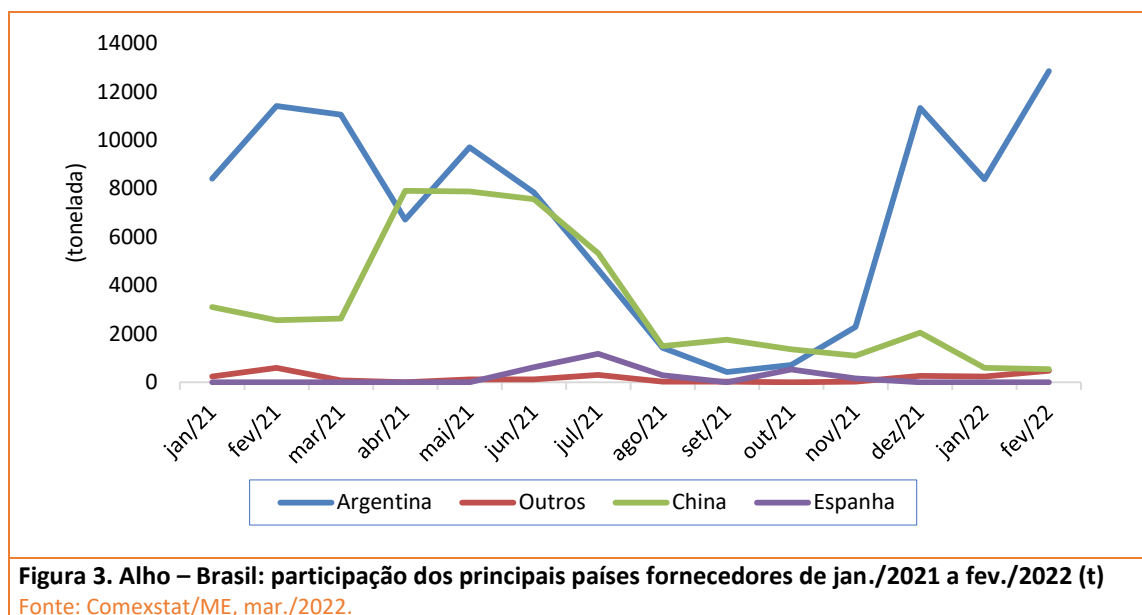


Figura 2. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação de jan./2021 a fev./2022
Fonte: ComexStat/ME: mar./2022.

No mês de fevereiro os fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina com 12,86 mil toneladas, perfazendo 92,58% da importação no mês, a China com apenas 550 toneladas representando 3,96% do total e o Chile com 480 toneladas, representando 3,43% da importação de fevereiro (Figura 3).



Considerando a importância socioeconômica da cultura do alho para Santa Catarina e seu papel na geração de trabalho e renda para milhares de agricultores familiares e na dinamização das economias locais de pequenos municípios, mantemos o texto de boletins anteriores, e desta forma, contribuindo e fazendo eco às demandas da cadeia produtiva manifestadas na câmara técnica da cultura do alho do CDRural, em reunião no dia 15/12/2021, que construiu pauta de demandas e ações para as políticas públicas em apoio a produção da hortaliça em Santa Catarina, como:

- Maior rigor do estado na fiscalização da entrada do produto importado nas fronteiras de acordo com as normas do Mercosul;
- Maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do Alho Roxo do Planalto Catarinense;
- Melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- Apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) como apoio à pesquisa sobre a cultura, financiamentos para a produção e aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- Estruturar programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

Para manter a competitividade da cadeia produtiva do alho no estado, a pauta apresentada pela câmara técnica do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, é sem dúvida o patamar mínimo para manter a perspectiva de continuidade da produção de alho no estado, mantendo relativa importância da produção catarinense no cenário nacional.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola 2021/22, segue em ritmo normal de comercialização e deve se estender até o mês de maio como ocorre tradicionalmente. A boa qualidade dos bulbos produzidos está contribuindo para que o produto possa permanecer armazenado por períodos maiores, permitindo aos produtores escoamento da safra com mais tranquilidade.

Os eventos adversos que ocorreram durante o desenvolvimento da cultura, como falta ou excesso de chuvas em alguns períodos do ciclo da hortaliça não afetaram o bom desempenho das lavouras que proporcionou a produção de bulbos de boa qualidade em tamanho e sanidade.

Preços e Mercado

Em fevereiro, a comercialização da safra catarinense se manteve em ritmo normal, sendo que o estado foi o principal fornecedor da hortaliça no mercado nacional.

A conjuntura de mercado continua favorável aos produtores catarinenses em função da boa qualidade do produto, oferta bastante equilibrada com a demanda e importações em volume baixo. Dessa forma, os produtores estão conseguindo comercializar a produção com preço acima do custo médio estimado para as diferentes regiões do estado.

Com relação aos preços pagos ao produtor catarinense, durante o mês de fevereiro, de acordo com o projeto da Epagri/Cepa, o preço médio do mês foi de R\$2,16/kg, tendo como referência a praça de Rio do Sul.

Na Ceagesp/SP, na primeira semana de fevereiro, o preço da cebola média foi de R\$2,85/kg, aumento de 5,14% em relação aos preços praticados no início de janeiro, que foi de R\$2,71/kg. O mês fechou com preço de R\$3,21/kg, aumento de 12,63% no mês.

O mês de março iniciou com cotações se mantendo no patamar de R\$3,08/kg, baixando para R\$3,03/kg no dia 11, para a cebola média.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de fevereiro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,25/kg, mesmo valor do início do mês de janeiro, porém reagindo a partir da primeira semana, passando para R\$2,40/kg e fechando o mês a R\$2,75/kg. Nas primeiras semanas de março, o preço se manteve no mesmo valor, passando a R\$3,00/kg, no dia 14. O preço da cebola importada se manteve durante todo o mês de fevereiro e início de março a R\$2,25/kg.

Safra Catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a colheita da safra catarinense de cebola 2021/22 foi finalizada e a comercialização está em andamento com perspectivas que seja finalizada até o mês de maio, como tradicionalmente ocorre. A boa qualidade sanitária dos bulbos e a capacidade de armazenagem instalada nas propriedades dos produtores catarinenses estão permitindo que a hortaliça possa ser comercializada por período mais longo, sem prejuízo da qualidade comercial do produto.

Conforme mencionado no boletim anterior, a Epagri/Cepa fechou, nesse mês, os números da safra de cebola 21/22 para Santa Catarina. A produção fechou em 495.995 toneladas produzidas em uma área plantada de 17.467ha com produtividade média de 28.396 kg/ha. Em relação à safra 20/21, o crescimento

foi de 27,19% na produção total e 26,94% em ganho de produtividade. O principal fator que influenciou na melhoria do desempenho da cultura foi a condição climática favorável durante a maior parte do desenvolvimento do ciclo da cultura.

Importação

Os dados do Siscomex/ME, que registra as importações no Brasil, indicam que o volume de cebola importada pelo país vem diminuindo nos últimos anos. A redução tem relação direta com a ocorrência da pandemia da Covid-19, que dentre outras questões, elevou o custo do frete marítimo e pela relação cambial do dólar elevado em relação ao real e desta forma, favorecendo o produto nacional. Em 2021, o país importou 116,96 mil toneladas de cebola, volume 40,85% menor que no ano de 2020. Nos dois primeiros meses de 2022, as importações foram 75,26% menores que no mesmo período do ano anterior, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro/2019 a fevereiro/2022 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.756
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1011	116.961
2022	668	3.220	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.888

Fonte: ComexStat/ME, mar./2022.

Embora tenha ocorrido redução nas importações de cebola pelo Brasil, o país é um mercado importante para a produção de alguns países, notadamente para a Argentina, Chile, Espanha e Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela, apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e os dois primeiros meses de 2022, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Em 2021, das 116 mil toneladas importadas, os vizinhos argentinos participaram com 98,65 mil toneladas, ou seja, 84,34% do volume total. Em seguida vem os Países Baixos com 8,76 mil toneladas, 7,49% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% do total importado.

Em 2021, o preço médio FOB foi de US\$0,23/kg. O Desembolso total com a importação de cebola pelo país foi de aproximadamente (FOB) US\$27,25 milhões.

Em 2022, o volume importado é de apenas 3,88 mil toneladas com preço médio de US\$0,30/kg, conforme pode ser conferido abaixo (Tabela 2).

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2021 e 2022 (fevereiro):

Países	2021		2022	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	1.653	301
Chile	2.888,34	7.155	1.286,37	608
Países Baixos	3.161,48	8.767	37,96	86
Espanha	409,52	2.008	283,99	606,39
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0
Peru	10,00	24	3,12	25
Total	27.247,90	116.961	1.185,40	3.888

Fonte: ComexStat/ME, março/2022.

Em fevereiro foram importadas 3.220 toneladas de cebola, crescimento de 382,03% em relação ao mês de janeiro. O desembolso do país no mês foi de US\$934,17 mil, como pode ser visto no gráfico de

comportamento das importações de cebola (Figura 1).

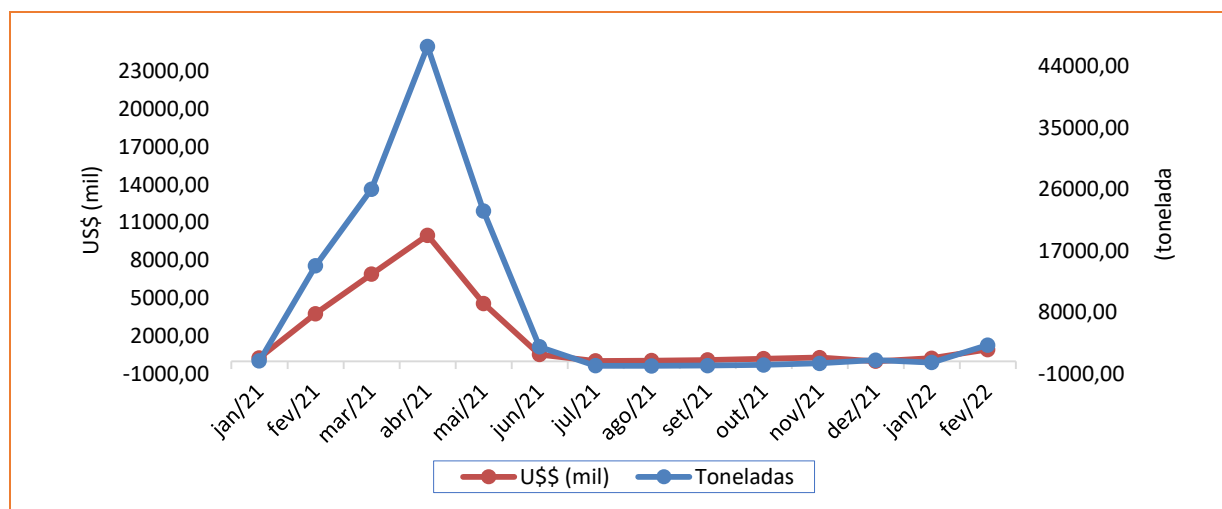


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2021 a fev./2022

Fonte: ComexStat/ME, mar./2022.

No mês de fevereiro, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Argentina com 1.653 toneladas, 51,33% do volume total, o Chile com 1.276 toneladas, significando 39,62% das importações, a Espanha com 208,62 toneladas, 6,48% do volume total, e os Países Baixos e Peru com 82,8 toneladas significando 2,57% do volume importado. Na figura 2, apresentamos o comportamento das importações de cebola pelo Brasil no ano de 2021 e os dois primeiros meses de 2022. Percebe-se que desde junho de 2021, há redução significativa das importações, reflexo de diversos fatores conjunturais como a pandemia e a desvalorização do Real frente ao Dólar, principalmente (Figura 2).

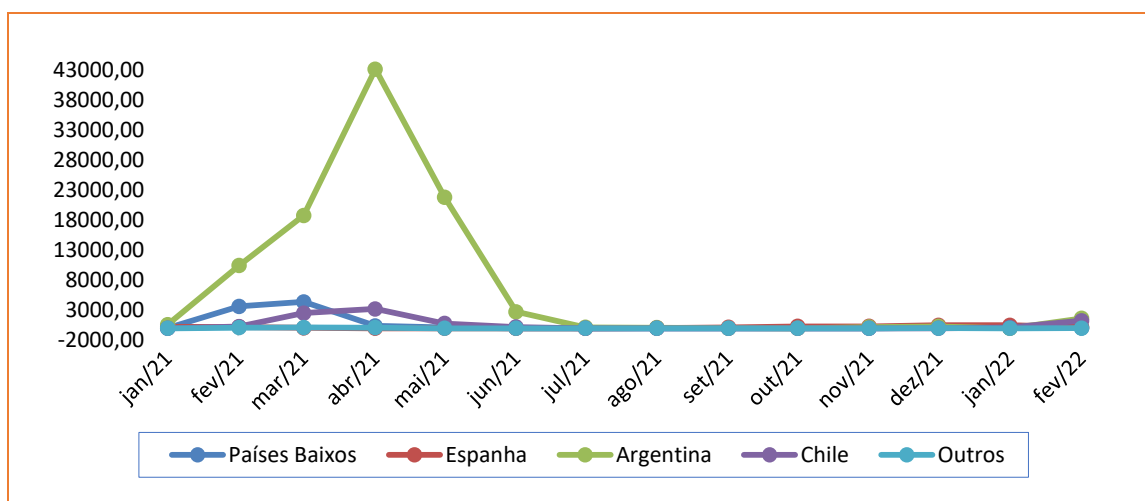


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2021 – fev./2022

Fonte: ComexStat/ME, mar./2022.

Conforme as informações de fechamento dos dados da safra catarinense de cebola 21/22, o volume de produção, a produtividade e a qualidade da hortaliça foram favoráveis aos produtores. Desse modo as expectativas para a próxima safra são positivas, impulsionadas pelo retorno econômico da atividade para os produtores. Por outro lado, há preocupações da cadeia produtiva em relação a disponibilidade e custos dos insumos para a próxima safra que inicia nos próximos meses, especialmente com os fertilizantes cuja dependência de importações do país é alta.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de março, os preços do frango vivo apresentam movimentos distintos nos dois principais estados produtores. No Paraná, observou-se queda de 1,7% em relação ao mês anterior. Santa Catarina, por sua vez, manteve o movimento de alta dos últimos meses (4,1% em janeiro e 2,2% em fevereiro), com variação de 0,8% até meados deste mês, não obstante a redução no ritmo de crescimento. Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em março de 2021, as variações são de 2,2% no Paraná e 25,3% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,5%, segundo o IPCA/IBGE.

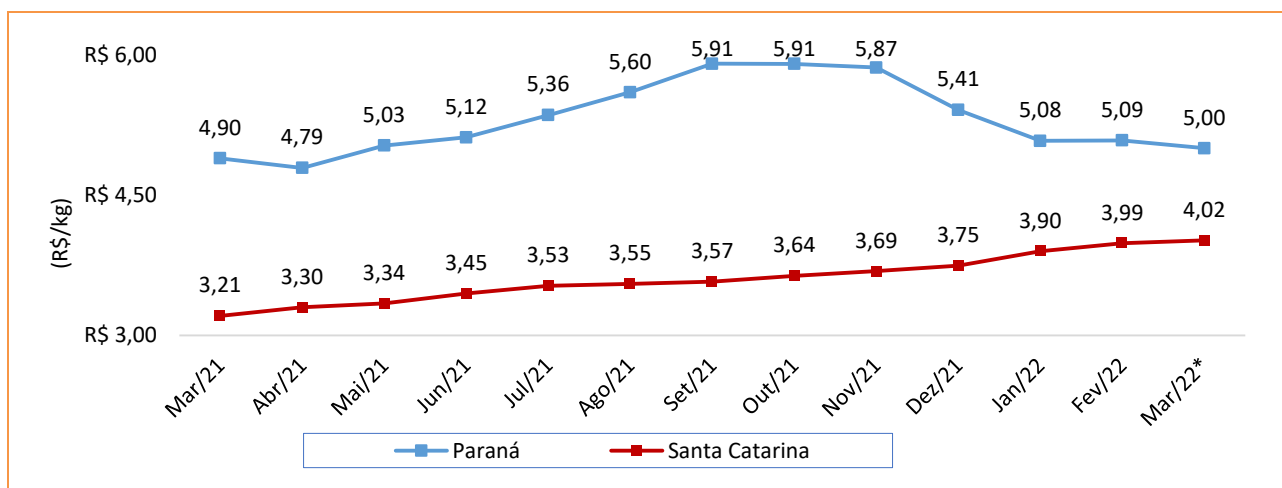


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio⁽¹⁾ mensal aos avicultores – (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Das três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, em duas registraram-se altas na comparação entre a primeira quinzena de março e a média do mês anterior: 1,6% no Sul Catarinense e 0,4% em Chapecó. Em Joaçaba, os preços mantiveram-se inalterados no período. Na comparação com março de 2021, observam-se variações positivas significativas em todos os casos: 35,1% no Sul Catarinense, 26,1% em Chapecó e 12,3% em Joaçaba.

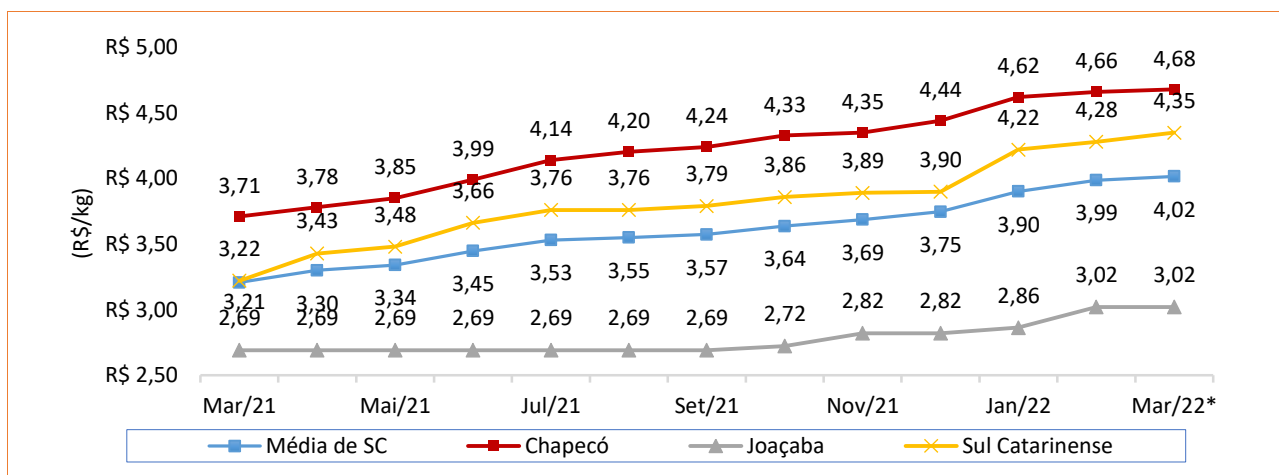


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado – (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de março, os preços da carne de frango no mercado atacadista apresentaram movimento de queda, bastante expressivo em alguns casos: peito com osso (-6,5%), frango inteiro (-5,7%), coxa/sobrecoxa (-1,0%) e filé de peito (-0,4%). A variação média foi de -3,4%. Vale destacar que em janeiro e fevereiro a carne de frango também registrou variação negativa. No acumulado do ano, registra-se queda de 14,6%.

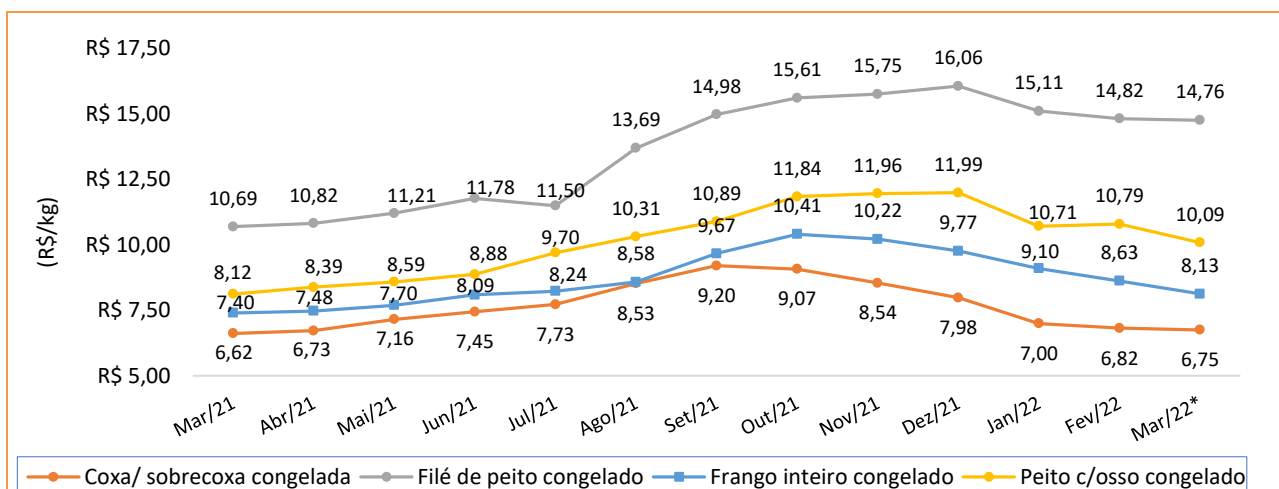


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

De acordo com alguns analistas, as quedas observadas nos últimos meses devem-se aos estoques elevados de carne de frango, que reduziram a liquidez no setor, pressionando as cotações no atacado. Com o crescimento das exportações, a expectativa é que os volumes disponíveis sejam reduzidos ao longo dos próximos meses, impulsionando os preços.

Na comparação entre os preços preliminares de março com o mesmo mês de 2021, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações positivas, não obstante as quedas registradas nos últimos meses: filé de peito (38,0%), peito com osso (24,2%), frango inteiro (9,9%) e coxa/sobrecoxa (2,0%). A variação média no período foi de 18,5%.

Custos

Em fevereiro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou alta de 3,0% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses é de 16,0%, decorrente essencialmente do aumento nos gastos com nutrição e pintos de 1 dia.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 3,3% na primeira quinzena de março, resultante da elevação de 3,8% no preço de atacado do milho em Chapecó, parcialmente compensada pela alta de 0,4% no preço do frango vivo na mesma praça. O valor atual desse indicador está 7,4% abaixo daquele registrado em março de 2021. Isso significa que no início do ano passado eram necessários 25,4kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, quantidade que caiu para 23,5kg no corrente mês.

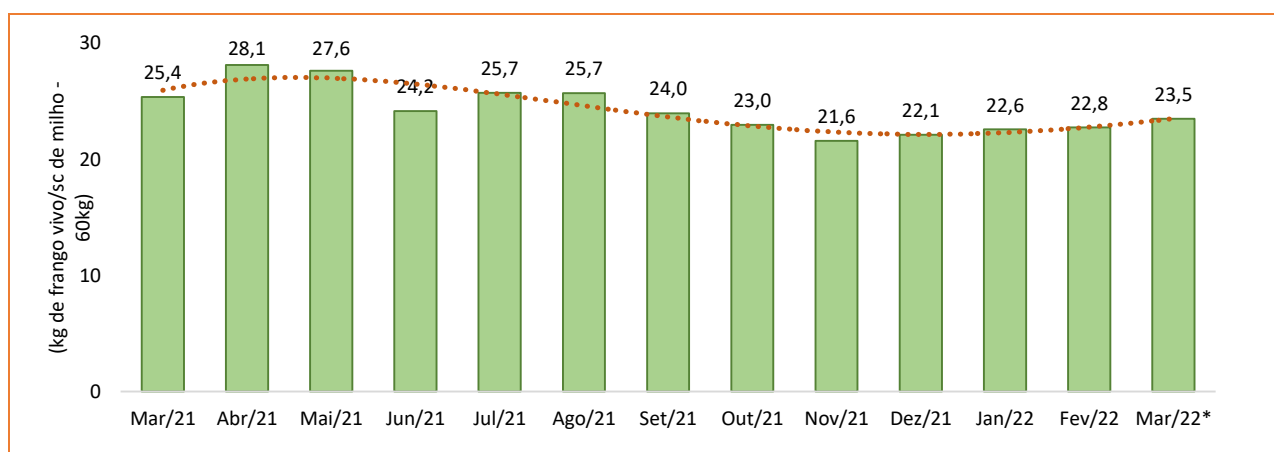


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

A deflagração do conflito entre Rússia e Ucrânia trouxe uma série de preocupações ao setor avícola, principalmente no que diz respeito aos custos de produção. A Ucrânia é o 4º maior exportador mundial de milho, atividade que deve ser fortemente impactada por dificuldades logísticas decorrentes da guerra (restrição no transporte interno do produto, destruição de alguns portos, temor das empresas de transporte marítimo de navegar numa zona de guerra, etc.). Com isso, há perspectiva de elevação do preço do milho, o que afeta a cadeia produtiva da avicultura.

Além disso, Rússia e Belarus (países afetados pelas sanções econômicas e comerciais) são importantes fornecedores de fertilizantes para o Brasil. Com o início da guerra e o risco de desabastecimento, os preços desses produtos apresentaram altas bastante significativas, o que deve encarecer os custos de produção da próxima safra. Por fim, o anúncio dos Estados Unidos e outros países de que deixariam de adquirir petróleo da Rússia, que é o 2º maior produtor mundial, fez com que os preços do produto disparassem no mercado internacional, o que acarretou em aumento nos preços dos combustíveis, já que o Brasil adota a Política de Paridade de Importação (PPI).

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **360,01 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **6,0%** tanto em relação ao mês anterior quanto na comparação com fevereiro de 2021. As receitas foram de **US\$643,11 milhões**, elevação de **6,3%** em relação a janeiro e de **26,0%** na comparação com fevereiro de 2021.

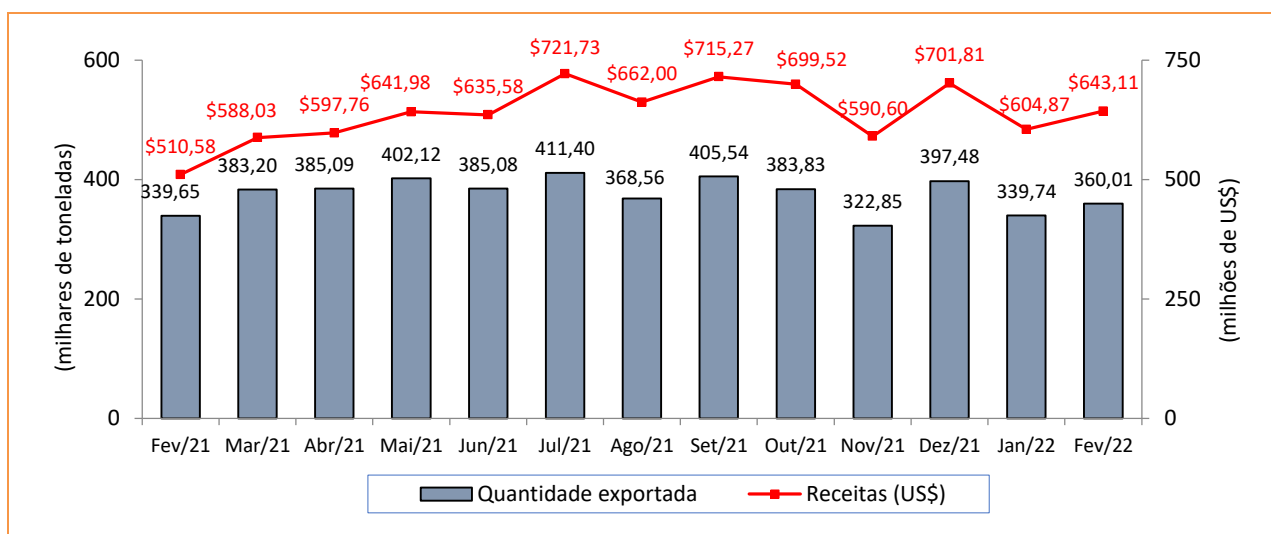


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º bimestre, o Brasil exportou **699,74 mil de toneladas**, com receitas de **US\$1,25 bilhão**, altas de **12,4%** em quantidade e de **33,6%** em valor na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita e Países Baixos, nesta ordem, responsáveis por 47,8% das receitas.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **75,19 mil toneladas** de carne de frango em fevereiro (*in natura* e industrializada), quedas de **9,4%** em relação ao mês anterior e de **7,0%** na comparação com fevereiro de 2021. As receitas foram de **US\$141,93 milhões**, **-9,9%** em relação ao mês anterior, mas alta de **9,4%** na comparação com fevereiro de 2021.

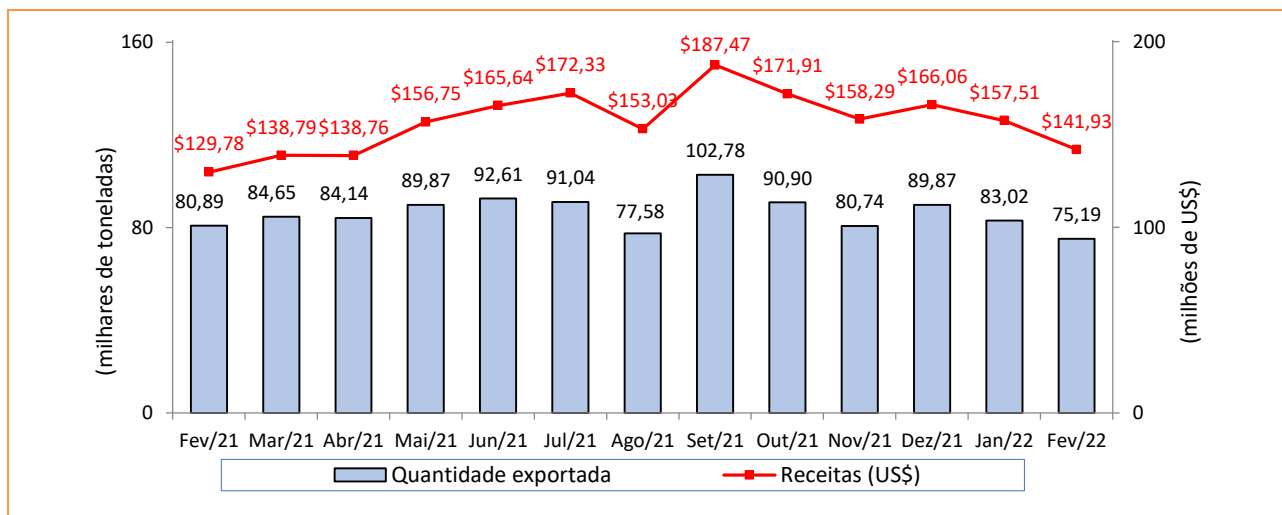


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em fevereiro foi de **US\$1.812/tonelada**, queda de **0,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **18,1%** na comparação com fevereiro de 2021.

No 1º bimestre, Santa Catarina exportou um total de **158,21 mil toneladas**, com receitas de **US\$299,44 milhões**, altas de **12,0%** em quantidade e de **30,5%** em valor na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,0%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos dois primeiros meses do ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 53,6% das receitas e 48,3% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. e Fev./2022

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	37.641.697,00	19.326
Países Baixos	37.344.761,00	13.504
China	29.672.259,00	15.014
Arábia Saudita	28.080.814,00	14.766
Emirados Árabes Unidos	27.788.862,00	13.828
Demais países	138.907.983,00	81.778
Total	299.436.376,00	158.216

Fonte: Comex Stat.

Dentre os principais destinos do frango catarinense, somente o Japão apresentou variação negativa nas receitas quando se compara o 1º bimestre deste ano ao mesmo período de 2021: -8,3%. Quando se leva em consideração as quantidades embarcadas, além do Japão, também se registrou queda nos embarques para a China: -17,0% e -11,6%, respectivamente. No que diz respeito às altas, os principais destaques são Países Baixos (aumento de 57,1% nas receitas), Arábia Saudita (14,1%) e Emirados Árabes Unidos (34,2%).

O conflito entre Rússia e Ucrânia não deve trazer impactos muito significativos para as exportações catarinenses. De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia, em 2021 o estado exportou 23,06 mil toneladas de carne de frango para a Rússia, com receitas de US\$41,83 milhões, montantes que representam 2,2% da quantidade e 2,3% do valor exportado por Santa Catarina no ano. De acordo com representantes de entidades do setor produtivo, há perspectiva de redirecionamento para outros países dos produtos que seriam exportados para a Rússia.

Além disso, alguns analistas apontam para a possibilidade de aumento da demanda por carne de frango do Brasil no mercado internacional, já que Ucrânia e Rússia figuram dentre os 10 principais exportadores mundiais de carne de frango, ocupando a 6ª e a 9ª posição, respectivamente. Em 2021, esses dois países exportaram 645 mil toneladas, apontam os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Com as dificuldades de logística, destruição de portos e sanções internacionais, os países compradores provavelmente buscarão adquirir esse produto de outros fornecedores. Vale lembrar que o Brasil ocupa o topo do ranking mundial de exportações de carne de frango.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de março, os preços do boi gordo mantiveram-se relativamente estáveis na maioria dos principais estados produtores, com um equilíbrio entre variações positivas e negativas. Em relação ao mês anterior, os valores preliminares de março apresentam quedas nos seguintes estados: -0,9% em Goiás, -0,9% em Minas Gerais, -0,8% no Mato Grosso e -0,5% em Santa Catarina. Por outro lado, variações positivas foram registradas em outros quatro estados: 0,8% em São Paulo, 0,7% no Paraná, 0,6% no Rio Grande do Sul e 0,3% no Mato Grosso do Sul.

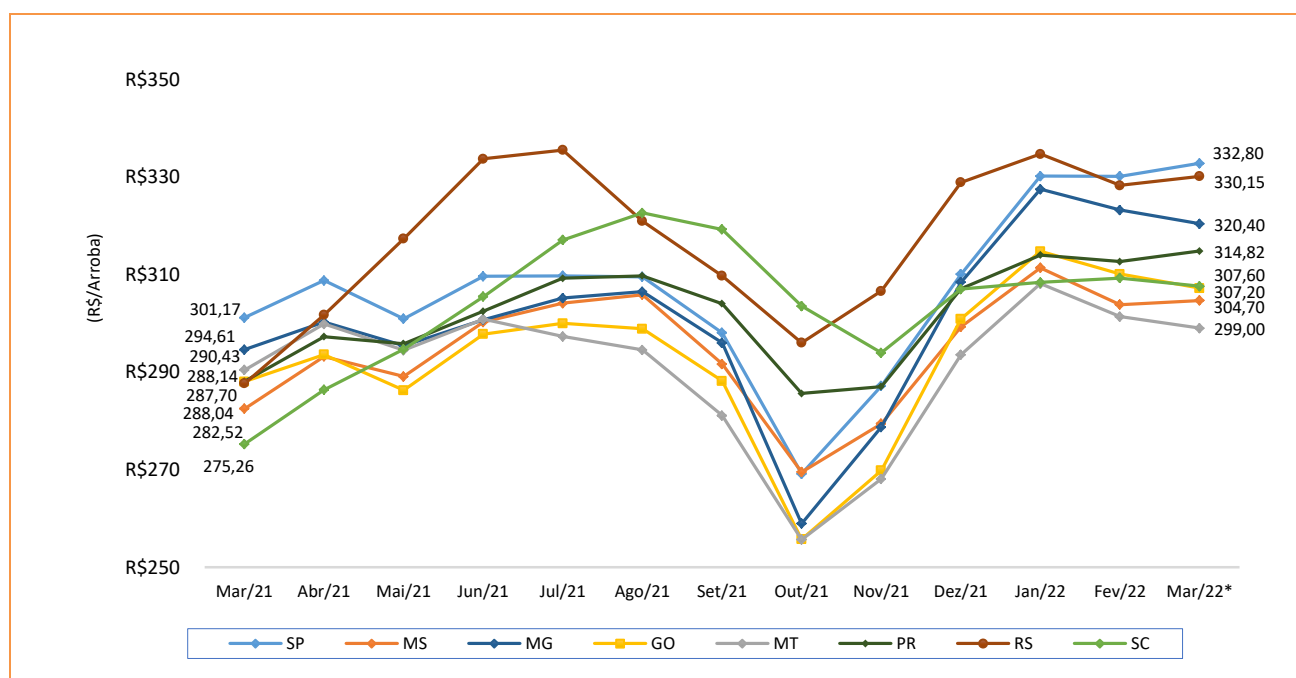


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – (R\$/arroba)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

A relativa estabilidade nos preços do boi gordo deve-se, por um lado, à baixa disponibilidade de gado pronto para abate e da demanda expressiva externa e, por outro, ao desaquecimento do mercado interno, que segue com a demanda travada em virtude da conjuntura econômica desfavorável (perda de poder aquisitivo de grande parte dos consumidores, significativo índice de desemprego e inflação em aceleração) e dos elevados preços da carne bovina.

Na comparação entre os preços praticados em março de 2021 com os valores atuais, são observadas variações positivas em todos os casos: 14,8% no Rio Grande do Sul, 11,7% em São Paulo, 11,5% em Santa Catarina, 9,3% no Paraná, 8,8% em Minas Gerais, 7,9% no Mato Grosso do Sul, 6,7% em Goiás e 2,9% no Mato Grosso. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,5%, segundo o IPCA/IBGE.

Nas duas praças de referência para o preço do boi gordo em Santa Catarina, observaram-se movimentos distintos: alta de 4,9% em relação ao mês anterior em Chapecó e queda de 4,3% em Lages. Na comparação com março de 2021, registraram-se altas de 24,4% em Chapecó e 13,5% em Lages.

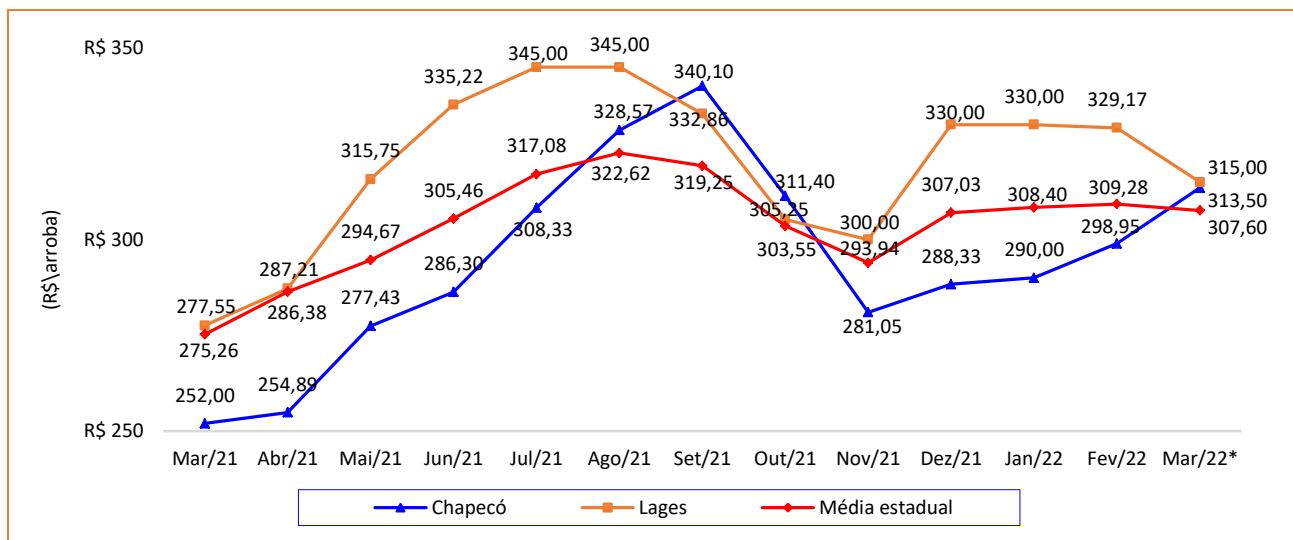


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – (R\$/arroba)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram quedas na primeira quinzena de março em relação ao mês anterior: -0,6% na carne de dianteiro e -0,4% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de -0,5%.

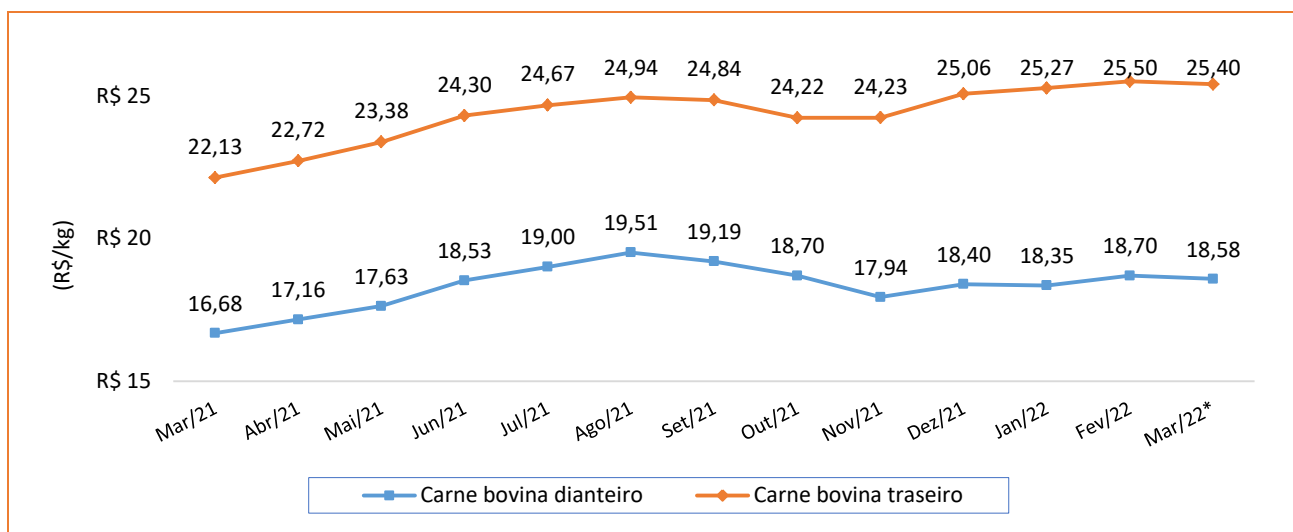


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado: preço médio mensal estadual – (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em março de 2021, observam-se altas de 11,4% para a carne de dianteiro e de 14,8% para a carne de traseiro, com média de 13,1%.

Custos

Depois de uma queda expressiva em fevereiro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina voltaram a apresentar altas nas primeiras semanas de março. Em relação ao mês anterior, as variações são de 2,9% para os bezerros de até 1 ano e 0,5% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com março de 2021 registram-se altas de 25,2% para os bezerros e 24,5% para os novilhos.

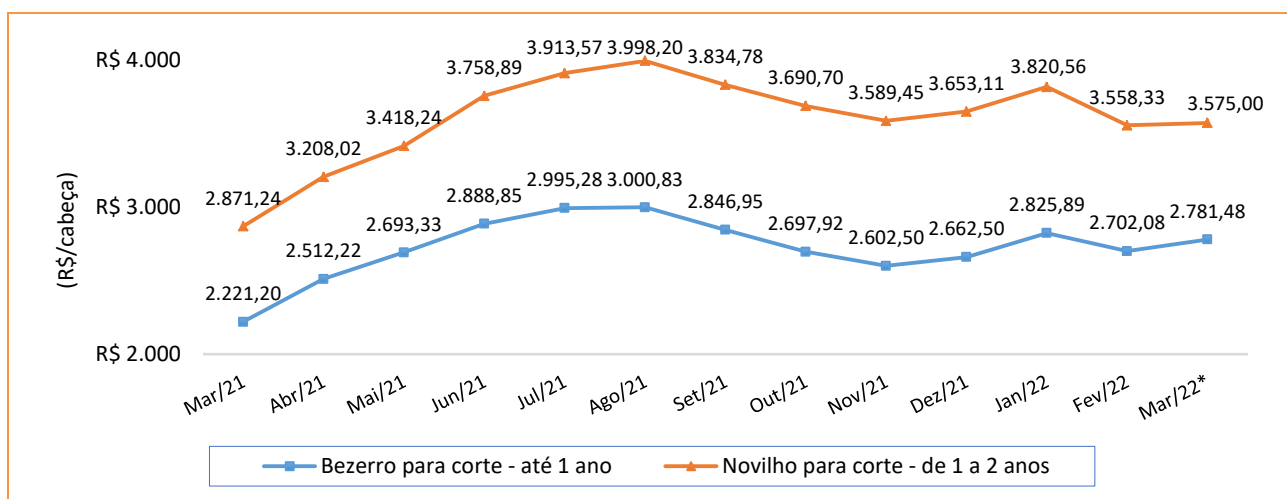


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual – (R\$/cabeça)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **175,41 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **10,5%** na comparação com o mês anterior e de **42,0%** em relação a fevereiro de 2021. As receitas foram de **US\$965,02 milhões**, crescimento de **20,5%** em relação ao mês anterior e de **75,1%** na comparação com fevereiro de 2021.

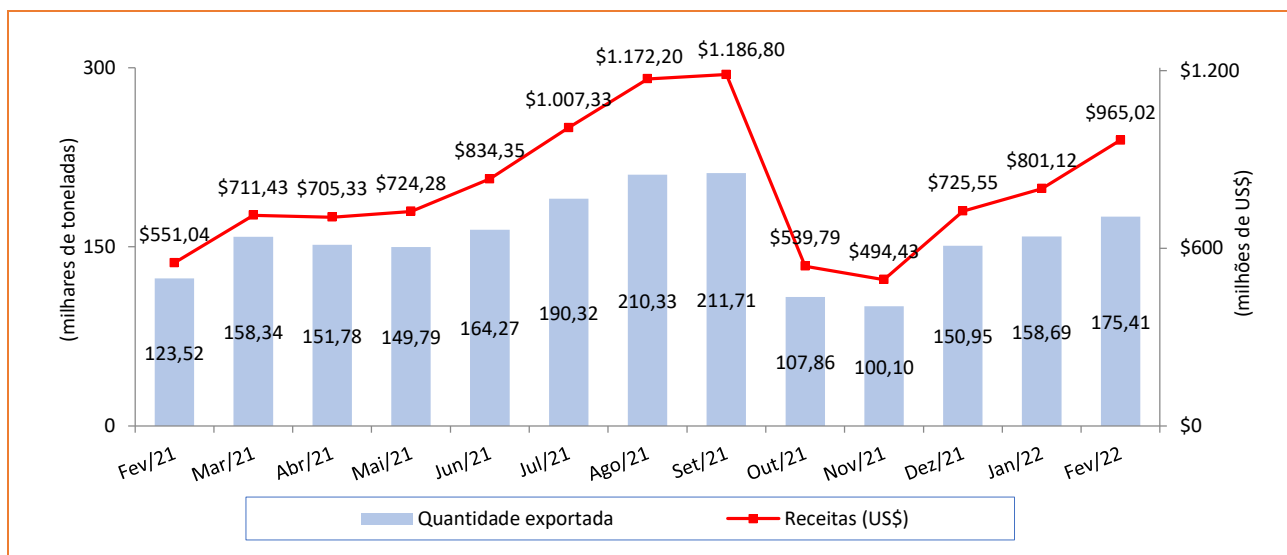


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em fevereiro foi de **US\$5.590/tonelada**, alta de 8,0% em relação ao mês anterior e 23,2% acima de fevereiro de 2021.

Durante o 1º bimestre, o Brasil exportou **334,10 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$1,77 bilhão** em receitas, altas de 33,8% em volume e 60,7% em valor na comparação com o mesmo período de 2021. China e Hong Kong responderam por 56,3% das receitas com as exportações desse produto no ano.

Esses resultados devem-se tanto à retomada das exportações para a China, após a suspensão dos embarques de setembro a dezembro do ano passado, quanto ao crescimento das exportações para outros importantes destinos. Em termos de receitas, observou-se aumento de 59,4% da China, 262,3% dos Estados Unidos e 360,4% do Egito, entre outros. Por outro lado, Hong Kong reduziu suas compras (-45,6% em receitas).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **178 toneladas** de carne bovina em fevereiro, com faturamento de **US\$734 mil**, quedas de 38,7% e de 24,8% em relação ao mês anterior, respectivamente. Na comparação com fevereiro de 2021, as quedas são de 38,4% em quantidade e 27,8% em receitas.

O impacto do conflito entre Rússia e Ucrânia na demanda por carne bovina brasileira deve ser limitado, já que os dois países do leste europeu não são destinos expressivos desse produto. Juntos, russos e ucranianos responderam por 1,7% das receitas com exportação de carne bovina pelo Brasil em 2021. O principal problema para a cadeia produtiva da bovinocultura de corte deverá ser o aumento dos custos de produção, principalmente em função da elevação dos preços do milho, do petróleo e dos fertilizantes.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de cinco meses consecutivos de quedas, na primeira quinzena de março verificou-se predominância de movimentos de alta nas cotações do suíno vivo na maioria dos principais estados produtores, com exceção de Santa Catarina, conforme evidencia a Figura 1. Chama atenção a expressividade dos aumentos, movimento que deve se manter ao longo deste mês.

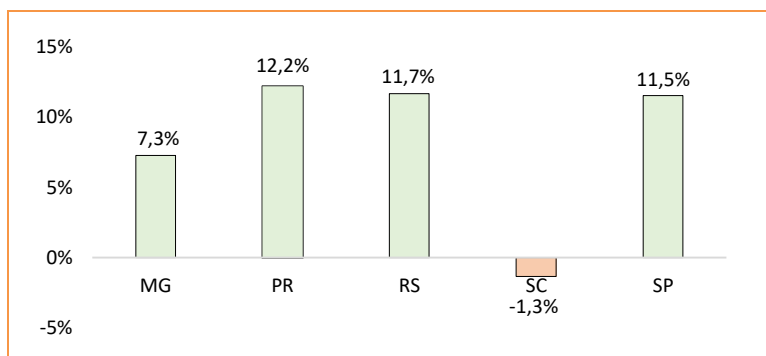


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (fev./mar de 2022*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Na comparação entre os preços preliminares do corrente mês com aqueles praticados em março de 2021, observam-se variações negativas em todos os estados analisados: -18,6% no Rio Grande do Sul, -17,3% em Santa Catarina, -15,5% no Paraná, -8,5% em São Paulo e -7,7% em Minas Gerais. A inflação

acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,5%, segundo o IPCA/IBGE.

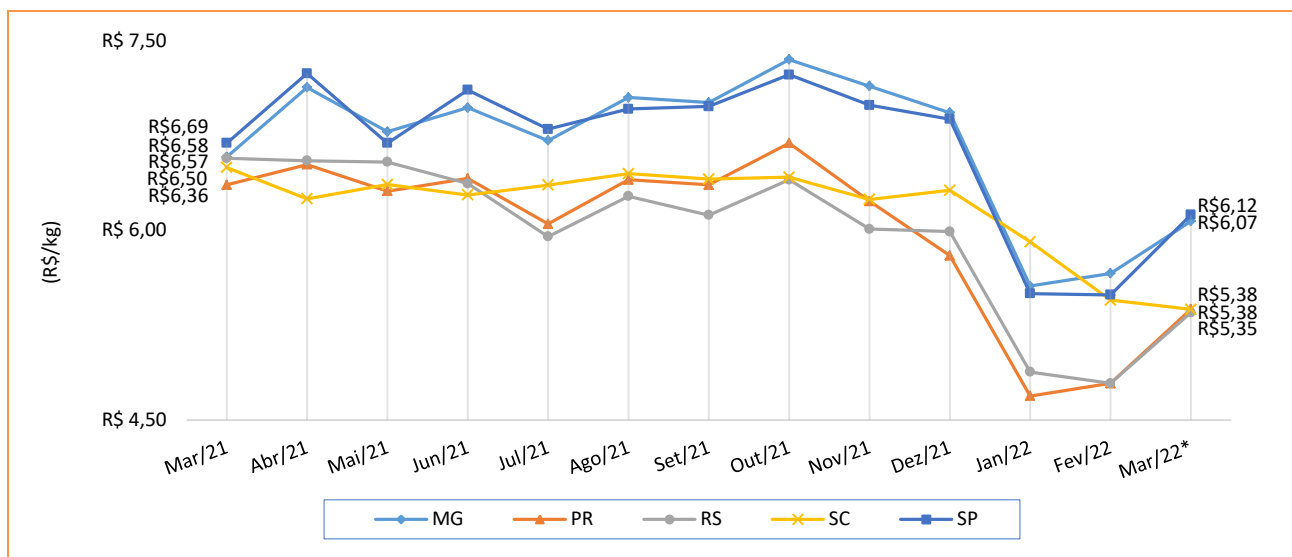


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor – (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Santa Catarina, os valores preliminares do suíno vivo na praça de referência (Chapecó) apresentaram quedas nas primeiras semanas de março em relação a fevereiro: -1,3% para o produtor independente e -3,2% para o integrado. Na comparação com março de 2021, os preços pagos aos produtores independentes e integrados apresentam quedas de 18,3% e 19,9%, respectivamente.

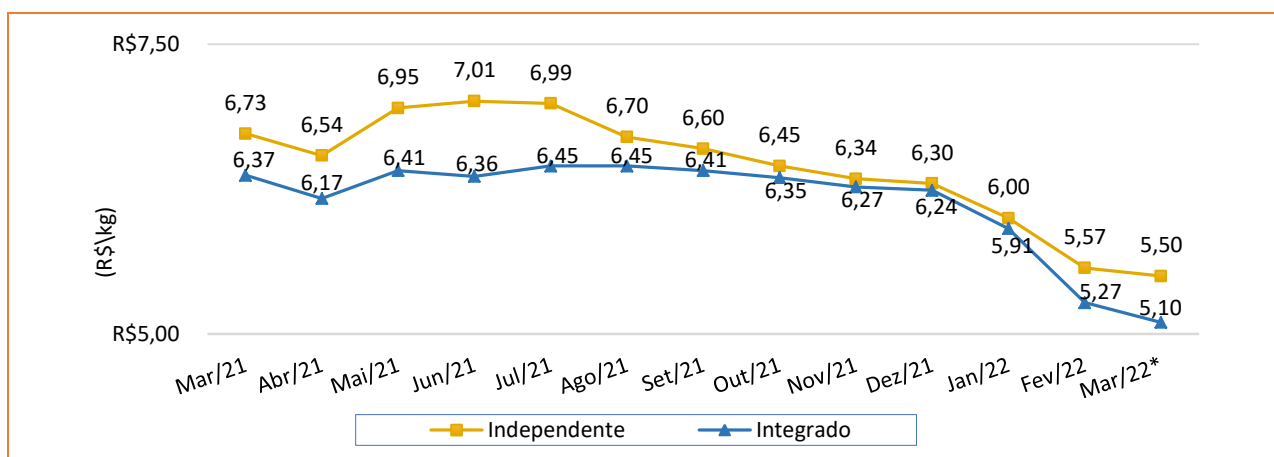


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na primeira quinzena de março, os preços de atacado da carne suína apresentaram predominância de quedas em relação ao mês anterior: pernil (-6,8%), carré (-4,6%), lombo (-3,2%) e costela (-1,6%). Somente a carcaça registrou variação positiva (4,5%). Na média dos cinco cortes, a variação foi de -2,3%. A queda média acumulada no ano é de 13,8%.

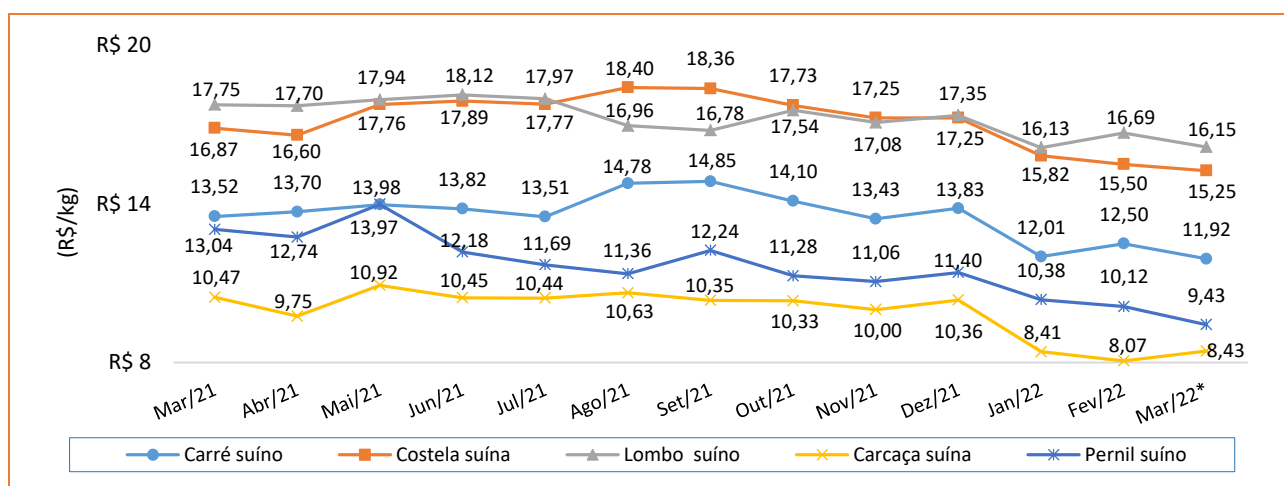


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado – (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com março de 2021, observam-se variações negativas em todos os cortes: pernil (-27,6%), carcaça (-19,4%), carré (-11,9%), costela (-9,6%) e lombo (-9,0%). Na média dos cinco cortes, a queda é de 15,5%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em fevereiro o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,64/kg de peso vivo, alta de 2,2% em relação ao mês anterior. A alta acumulada no ano é de 9,1% e nos últimos 12 meses atinge o percentual de 11,1%. A alimentação representou 82,5% dos custos de produção dos suínos no último mês.

Na primeira quinzena de março, os preços dos leitões mais uma vez apresentaram quedas, movimento que predomina desde meados do ano passado. Em relação ao mês anterior, o preço dos leitões de 6 a 10kg caiu 1,8%, enquanto os leitões de aproximadamente 22kg tiveram queda de 1,0%. Na comparação com março de 2021 também se observam quedas em ambas as categorias: -13,1% para os leitões de 6 a 10kg e -12,8% para os leitões de aproximadamente 22kg.

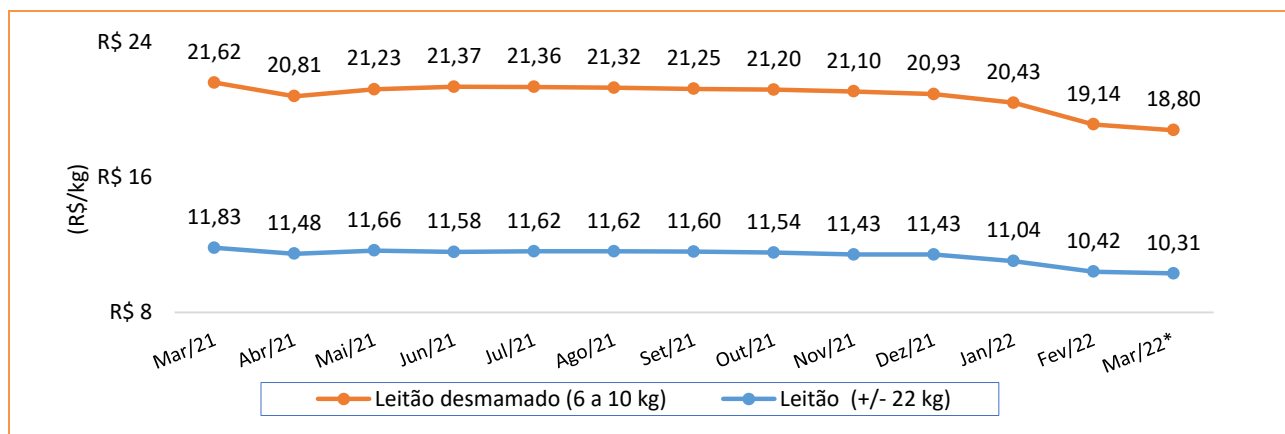


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 6,1% nas primeiras semanas de março em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente tanto da alta de 3,8% no preço do milho em Chapecó, quanto da queda no preço do suíno vivo na mesma praça (-2,2%). O valor atual está 44,4% acima daquele observado em março de 2021, o que significa que há um ano o suinocultor precisava de 14,4kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto atualmente são necessários 20,8kg para adquirir o mesmo produto.

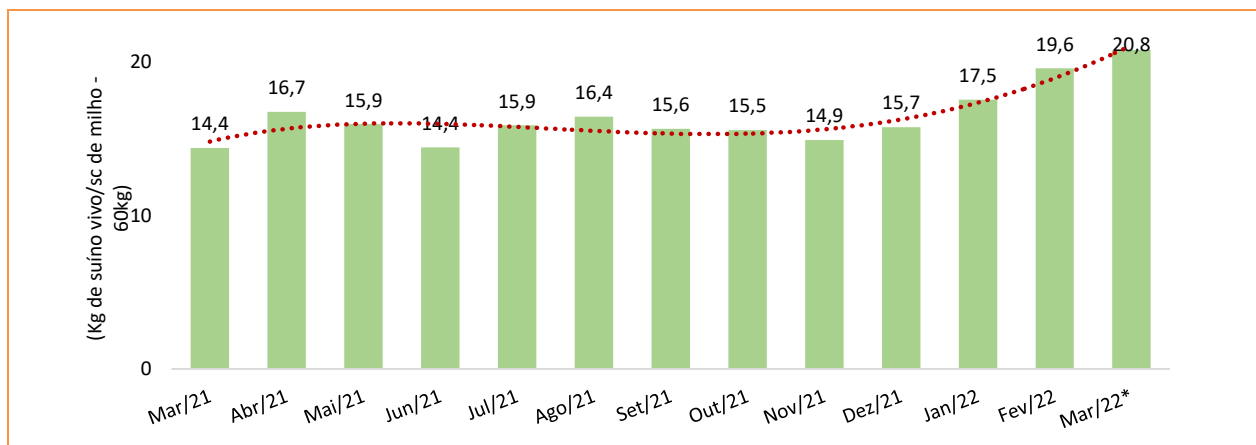


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/mar./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

A deflagração do conflito entre Rússia e Ucrânia trouxe uma série de preocupações ao setor suinícola, principalmente no que diz respeito aos custos de produção. A Ucrânia é o 4º maior exportador mundial de milho, atividade que deve ser fortemente impactada por dificuldades logísticas decorrentes da guerra (restrição no transporte interno do produto, destruição de alguns portos, temor das empresas de

transporte marítimo de navegar numa zona de guerra, etc.). Com isso, há perspectiva de elevação do preço do milho, o que afeta a cadeia produtiva da suinocultura.

Além disso, Rússia e Belarus (países afetados pelas sanções econômicas e comerciais) são importantes fornecedores de fertilizantes para o Brasil. Com o início da guerra e o risco de desabastecimento, os preços desses produtos apresentaram altas bastante significativas, o que certamente encarecerá os custos de produção da próxima safra. Por fim, o anúncio dos Estados Unidos e outros países de que deixariam de adquirir petróleo da Rússia, que é o 2º maior produtor mundial, fez com que os preços do produto disparassem no mercado internacional, o que acarretou em aumento nos preços dos combustíveis, já que o Brasil adota a Política de Paridade de Importação (PPI).

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **69,72 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **5,1%** em relação ao mês anterior e de **12,7%** na comparação com fevereiro de 2021. As receitas foram de **US\$145,03 milhões**, valor **8,9%** abaixo do mês anterior e **21,2%** menor que fevereiro de 2021.

De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), essa queda nas exportações era esperada, já que as compras para o ano novo chinês já haviam sido realizadas nos meses anteriores. Contudo, a entidade afirma que há indicativos de retomada dos embarques para a China nos próximos meses, o que deve refletir sobre o resultado geral das exportações brasileiras.

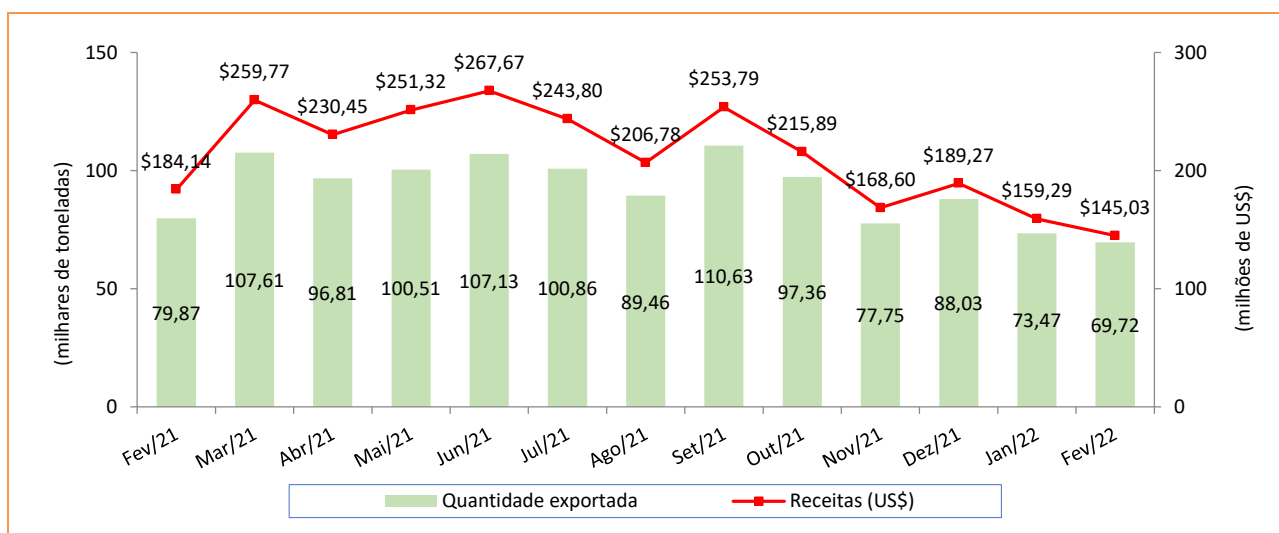


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º bimestre, o Brasil exportou **143,18 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$304,32 milhões**, alta de 0,9% em quantidade e queda de 7,6% em valor na comparação com o mesmo período de 2021.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em janeiro foram China (36,8% do total), Hong Kong (9,2%), Filipinas (6,4%), Argentina (6,3%) e Singapura (5,6%), responsáveis por 64,3% das receitas no período.

Santa Catarina exportou **38,61 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em fevereiro, quedas de **13,4%** em relação ao mês anterior e de **5,2%** na comparação com fevereiro de 2021. As receitas foram de **US\$82,03 milhões**, **-16,3%** em relação ao mês anterior e **-15,3%** na comparação com fevereiro de 2021.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro foi de **US\$ 2.193/tonelada**, quedas de **1,2%** em relação ao mês anterior e de **10,7%** quando comparado ao valor de fevereiro de 2021.

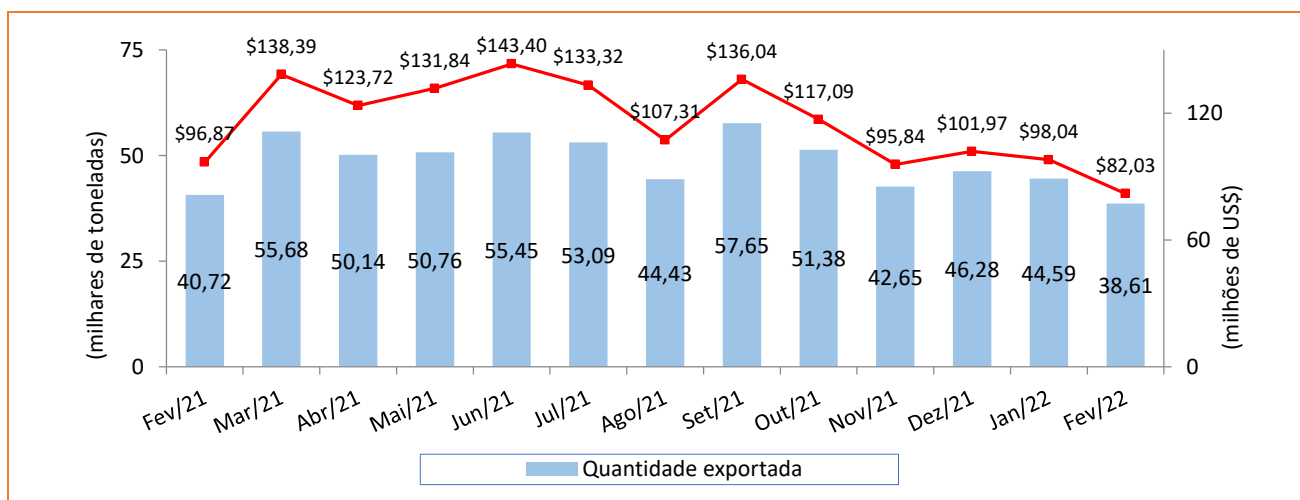


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Durante o 1º bimestre, o estado exportou **83,19 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$180,06 milhões**, altas de 17,2% e 7,4%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2021. Santa Catarina respondeu por **59,2%** das receitas e 58,1% do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 74,9% das receitas do 1º bimestre. China e Hong Kong responderam por 42,5%.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. e Fev./2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	77.579.321,00	37.752
Filipinas	19.363.892,00	9.693
Chile	13.738.718,00	6.941
Japão	13.676.064,00	3.416
Estados Unidos	10.430.522,00	3.022
Demais países	45.275.264,00	22.370
Total	180.063.781,00	83.194

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, três apresentaram variações negativas nas receitas de janeiro em relação ao mesmo mês de 2021: China (-23,4%), Chile (-42,3%) e Hong Kong (-18,8%). Por outro lado, variações positivas expressivas foram observadas nas exportações para outros importantes compradores, como é o caso de Filipinas (672,3%), Japão (118,6%) e Estados Unidos (146,0%).

A priori, o conflito entre Rússia e Ucrânia não deve trazer impactos muito significativos para as exportações catarinenses. De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia, em 2021 o estado exportou 137 toneladas de carne de suína para Rússia e Ucrânia, com receitas de US\$182,3 mil, montante que representa 0,02% do valor exportado por Santa Catarina no ano passado. No entanto, é necessário mencionar que no final de 2021 o governo russo estabeleceu uma cota de importação sem tarifa de 100 mil toneladas de carne suína brasileira, com validade entre 1º de janeiro e 30 de junho deste ano. É bastante provável que os embarques decorrentes dessa medida sejam severamente comprometidos.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

Nesse mês de março (dia 15), o IBGE divulgou os dados estaduais da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), relativos ao último trimestre de 2021. A quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras em 2021 decresceu 2,2% em relação ao ano de 2020, com desempenho bastante heterogêneo entre os principais estados produtores (Tabela 1).

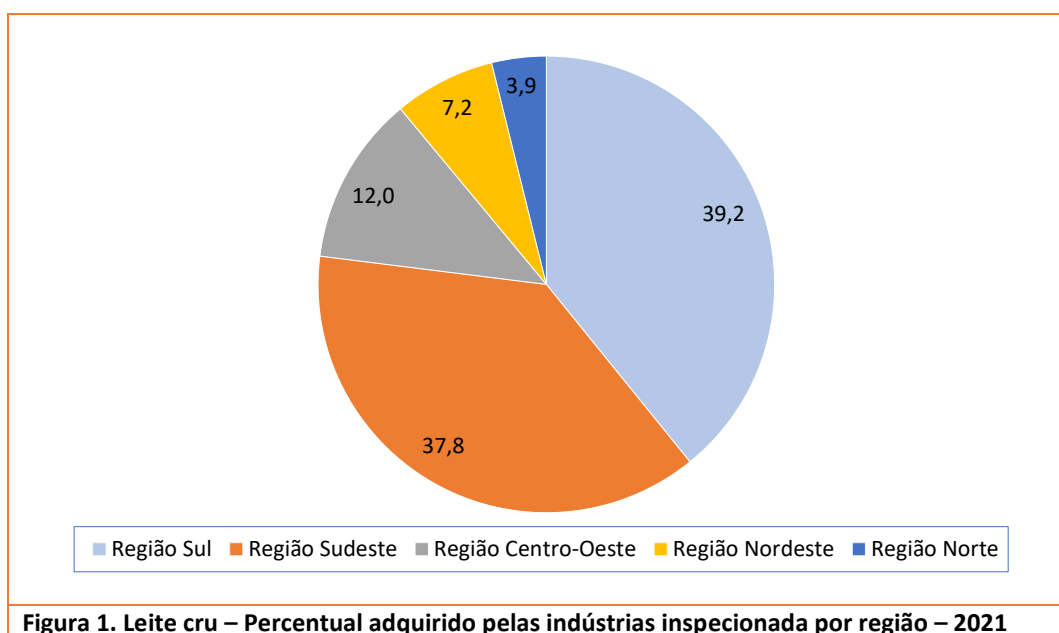
Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

UF	Milhões de litros					Var. %
	2017	2018	2019	2020	2021	2020-21
Minas Gerais	5.990	6.072	6.285	6.517	6.192	-5,0
Paraná	2.935	3.092	3.308	3.518	3.507	-0,3
Rio Grande do Sul	3.426	3.389	3.255	3.336	3.371	1,0
Santa Catarina	2.758	2.723	2.761	2.892	2.945	1,8
São Paulo	2.872	2.728	2.786	2.749	2.566	-6,7
Goiás	2.465	2.526	2.636	2.514	2.437	-3,1
Subtotal	20.446	20.530	21.031	21.526	21.018	-2,4
Outras	3.888	3.928	3.981	4.115	4.061	-1,3
Brasil	24.334	24.458	25.012	25.641	25.079	-2,2

2021 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Em 2021, pela primeira vez na história, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias da Região Sul (9,823 bilhões de litros) superou a da Região Sudeste (9,483 bilhões de litros). Considerando-se que taxas de crescimento da produção leiteira dos estados do Sul têm sido sistematicamente superiores às dos estados da Região Sudeste, o cenário mais provável é que o Sul, além de se consolidar como principal região produtora de leite do Brasil, também amplie significativamente a diferença de produção em relação à Região Sudeste (Figura 1).



Preços

Após uma lacuna de três meses (novembro e dezembro de 2021 e janeiro de 2022), em fevereiro o Conseleite/SC voltou a publicar a resolução mensal com os preços de referência para o leite. O preço projetado para fevereiro ficou 0,0654 centavos acima do preço de referência final de janeiro (Tabela 2).

Tabela 2. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso					Variação (%)		
	2018	2019	2020	2021	2022	2019-20	2020-21	2021-22
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	1,6370	5,3	30,5	2,2
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	1,7024	0,3	23,3	11,9
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5699		8,5	21,0	
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	1,5820		8,3	19,9	
Maiο	1,1522	1,2535	1,3091	1,6994		4,4	29,8	
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	1,8025		26,1	18,8	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	1,7676		34,8	13,4	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288	1,7950		45,1	3,8	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994	1,7912		52,9	-0,5	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075	1,7031		48,3	-0,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703	1,6125		41,8	-3,5	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121	1,6385		40,0	-4,3	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068	1,6738		26,1	11,1	

Fevereiro/2022: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Os levantamentos da Epagri/Cepa, que referenciam o cálculo do preço médio recebido pelos produtores catarinenses no mês de março, ainda não estão finalizados em todas as regiões catarinenses. Mas, é certo que o preço médio de março será sensivelmente superior ao preço médio de fevereiro (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2019	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,90	59,0	-2,1
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,92	41,3	7,9
Março	1,25	1,29	1,71	2,03 ⁽²⁾	32,6	18,7
Abril	1,27	1,28	1,76	-	37,5	-
Maiο	1,32	1,19	1,84	-	54,6	-
Junho	1,32	1,31	1,99	-	51,9	-
Julho	1,23	1,50	2,15	-	43,3	-
Agosto	1,19	1,66	2,17	-	30,7	-
Setembro	1,21	1,87	2,17	-	16,0	-
Outubro	1,21	1,95	2,12	-	8,7	-
Novembro	1,19	1,92	1,95	-	1,6	-
Dezembro	1,18	1,97	1,84	-	-6,6	-
Média anual	1,22	1,54	1,95	-	27,1	-

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.

Balança comercial

Em fevereiro de 2022, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi 54,3% menor que a do mesmo mês de 2021. As quedas nas importações têm sido expressivas desde agosto de 2021 e tendem a se repetir pelo menos neste mês março. As exportações tiveram comportamento inverso, com crescimento de 144,4% sobre a quantidade exportada em fevereiro de 2021 (Tabela 4).

Tabela 4. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	6,9	1,8	1,8	4,4	-7,0	-13,4	-2,6
Março	9,4	14,4	-	2,5	2,8	-	-6,8	-11,6	-
Abril	6,0	7,3	-	1,8	4,3	-	-4,2	-3,0	-
Mai	7,5	8,3	-	2,3	3,3	-	-5,2	-5,0	-
Junho	8,4	8,8	-	2,2	4,0	-	-6,3	-4,9	-
Julho	12,6	9,6	-	2,7	3,5	-	-9,9	-6,1	-
Agosto	18,0	10,0	-	2,7	3,0	-	-15,3	-7,0	-
Setembro	22,8	10,6	-	2,4	2,5	-	-20,4	-8,1	-
Outubro	22,1	12,1	-	2,7	2,1	-	-19,5	-10,0	-
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	171,6	136,5	-	29,0	35,1	-	-142,6	-101,4	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.